

ENSAIO HISTÓRICO SOBRE O «MOVIMENTO DA NEGRITUDE»

Fernando dos Santos Neves

Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias,
criador e Presidente da «SALP – Sociedade Africanológica de
Língua Portuguesa» e da «ACSEL – Associação dos Cientistas
Sociais do Espaço Lusófono».

Na moderna «descoberta» da África, três foram, factual e indiscutivelmente, as vias principais: via «cultural» da «Negritude» e da «Personalidade Africana»; via «política» do «Panafricanismo» e das «Independências Nacionais»; via «omnitotidimensional» da «Revolução da Democracia e do Desenvolvimento»¹. Sejam quais forem as cronologias e as taras ou virtudes históricas de um tal processo, actual e futuramente só no interior da citada via «revolucionária, democrática e desenvolvimentista» é que a via «cultural» («negritudinista», «autenticista», «especificista», etc.), como, aliás, também a via «política» («independentista», «nacionalista», «panafricanista», etc.), poderão conservar ou readquirir todo o seu pertinente sentido e conteúdo, na linha da famosa intuição-questão de J. P. Sartre², a que, por exemplo, Amílcar Cabral daria uma resposta, de ciência e experiência feita, em textos como o seguinte:

«... O «regresso às fontes» da Negritude não é historicamente conseqüente senão na medida em que implica não só um empenho real na luta pela independência mas também uma identificação total e definitiva com as aspirações das massas populares, que não contestam apenas a cultura do estrangeiro, mas igualmente toda a dominação estrangeira. Sem o quê, o «regresso às fontes» ou à «Negritude» não seria mais que

¹ Sem esquecer o que de artificial comporta uma tal classificação: assim, por um lado, os «anglófonos» promotores da «African Personality» (expressão que teria sido pela primeira vez utilizada por E. W. Blyden, em 1893, e retomada por Sylvester Williams, em 1900, a quando da convocação, em Londres, da «Primeira Conferência Panafricana») não desejam confundir-se com os «francófonos» arautos da «Negritude»...; e, por outro lado, tais «vias», nem historicamente nem teoricamente (nem mesmo terminologicamente, não faltando autores que designam a «Negritude» como «Panafricanismo Cultural» ou «Literário» e outros o «Panafricanismo» como «Negritude Política»...) necessariamente se excluem.

Quanto ao «Movimento da Negritude» propriamente dito, em língua portuguesa se poderão encontrar algumas das suas mais fundamentais abordagens, em textos, por exemplo, de Amílcar Cabral ou de Mário de Andrade, de Alfredo Margarido ou de Manuel Ferreira, para além de interessantes ensaios como o de Maria Carrilho (Sociologia da Negritude, Lisboa, Ed. 70, 1975) ou de úteis resenhas como as de Eduardo dos Santos (A Negritude e Luta pelas Independências na África Portuguesa, Lisboa, Ed. Minerva, 1975) e José Montenegro (A Negritude, dos Mitos às Realidades, Braga, Ed. Pax, 1967) ou de complexas aproximações psico-sociológicas como a de A. Miranda Santos (A Mitificação da Cor, Lisboa, Ed. LIAM, 1966)...

Entre os autores portugueses contemporâneos que mais têm investigado e divulgado a «problemática da Negritude», quero salientar o nome do Professor Pires Laranjeira (cf., nomeadamente, a sua tese de doutoramento na Universidade de Coimbra, A Negritude Africana de Língua Portuguesa, Porto, Edições Afrontamento, 1995).

Eu próprio penso publicar em Português, nas «Edições Universitárias Lusófonas», provavelmente, o ensaio histórico-teórico mais exaustivo sobre o «Movimento da Negritude», originariamente redigido em Francês: NEVES Fernando, Africano-Logiques, Étude Scientifique-Politique de la Negritude (Paris, 1979).

² Sartre J. P., Orphée Noir, Prefácio à «Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Française», de L. S. Senghor (Paris, PUF, 1948), pp. 9-44:

«...Le Nègre comme le travailleur blanc est victime de la structure capitaliste de notre société; cette situation lui dévoile son étroite solidarité, par-delà les nuances de peau, avec certaines classes d'Européens opprimés comme lui, elle l'incite à projeter une société sans privilège où la pigmentation de la peau sera tenue pour un simple accident...Qu'arrivera-t-il si le Noir dépouillant sa Négritude au profit de la Révolution ne se veut plus considérer que comme un prolétaire?...»

uma solução que tem por fim a obtenção de vantagens temporárias, uma forma consciente ou inconsciente de oportunismo político...»³.

Assim, este «Ensaio Histórico sobre o Movimento da Negritude»⁴ conscientemente se inserirá na perspectiva das «Africano-Lógicas», cuja unidade fundamental (mas de maneira nenhuma, redutora ou totalitária) não poderá deixar de situar-se pelos lados da «base real» da real Sociedade Africana que é o seu contemporâneo «modo de produção», o qual não exclui, antes exige e torna consistentes todos os outros «modos» de consumo, de pensamento, de acção, de organização, de vida e de tudo o mais⁵.

Últimas questões introdutórias ou, melhor, constantes escrúpulos de um «cientista-apesar-de-tudo-ocidental»: não obstante a necessidade urgente de descobrir o «País de Bandúngia»⁶ e de compreender

em toda a sua amplitude humana a «Revolta de Caliban»⁷, poderá um «Ocidental», independentemente da sua boa ou má vontade, fazer algo mais que «ocidental etnocentrismo» e, portanto, em última análise, «etnocídio» mais ou menos subtil? Ou, numa perspectiva ainda mais radical, uma qualquer «Ciência da África», uma qualquer «Africanologia» não-(vetero-neo-futuro-)colonialista será possível?⁸

Consciente dos perigos e sempre atento ao que precisamente denominei «Crítica da Razão Africanológica»⁹, mas também sem complexos provincianos de qualquer espécie, empreendo a viagem através deste «reino das ambiguidades»¹⁰, suplementarmente estimulado pela convicção expandida de que toda a verdadeira «ciência social» da África constitui também um dos parâmetros historicamente essenciais e estruturais de uma verdadeira «ciência social» da Sociedade Portuguesa e de todas as Sociedades Lusófonas, numa implicação teórico-prática, ainda maximamente por descobrir e actuar, das «AFRICANO-LÓGICAS», das «LUSITANO-LÓGICAS» e das «LUSOFONO-LÓGICAS»¹¹.

³ Amílcar Cabral, *La Culture et le Combat pour l'Indépendance* (estudo elaborado para a UNESCO em Julho 1972 e publicado em: *Le Courrier*, November 1973, Afrique «Portugaise», la Lutte pour l'Indépendance, pp. 12-20).

Cf.: Amílcar Cabral, *Unidade e Luta*, textos coligidos por Mário de Andrade, 2vls. (Lisboa, Ed. Seara Nova, 1975).

⁴ Para uma visão «global» do «Movimento da Negritude», cf., designadamente, para além da obra antes citada, os vários livros do autor («Negritude e Revolução em Angola», Paris, 1973; «Negritude, Independência, Revolução», Paris-Lisboa, 1975; etc.) em que se historicam, se analisam e se criticam todas as espécies de «Negritude»: «Negritude Literária», «Negritude Antropológica», «Negritude Filosófica», «Negritude Política», «Negritude Omnitodimensional»...

Para uma noção «enciclopédico-geral», cf., p.e.:

Encyclopaedia Universalis, vol. I, «Afrique», pp. 413ss...

Grande Encyclopédie Larousse, vol. 14, «Négritude», pp. 8444-8448.

Dictionnaire des Civilisations Africaines (Paris, 1968), «Négritude», «Africanité»...

Extraímos desta última obra a seguinte breve noção de «Négritude», da autoria de um dos «patriarcas-móres» da Africanologia contemporânea, G. Balandier (p. 291):

«Negritude. Le poète Aimé Césaire a conçu le mot «Negritude» durant les années 1932-1934. Il l'a inséré dans son oeuvre pour affirmer et exalter son appartenance à l'humanité noire: «La Negritude n'est pas une tour ni une cathédrale. Elle plonge dans la chair rouge du sol...» L. S. Senghor en est, à la fois, le co-inventeur et le théoricien. Il la définit: «La Negritude, c'est l'ensemble des valeurs de civilisation culturelles, économiques, sociales, politiques qui caractérisent les peuples noirs». Mais c'est J. P. Sartre qui a donné à la théorie son statut philosophique dans l'étude intitulée: «Orphée Noir» (1948). Il en manifeste la signification politique, elle est instrument de combat contre la domination coloniale; et la portée littéraire, elle «envahit» le poète africain afin qu'il puisse s'identifier à son peuple. La Negritude a déjà ses exégètes (Th. Melone, L. V. Thomas); elle a aussi ses critiques, qui la dénoncent comme une «idéologie mystifiante». Le plus inlassable de ses militants reste L.S. Senghor (voir son ouvrage «Liberté I»). Il l'explique; il la justifie; il la communique comme on transmet une foi. Elle n'est pas, pour lui, un simple moyen: celui du renouveau culturel; elle a une valeur permanente; elle exprime l'être profond de l'homme noir et sa vocation dans le monde actuel. Elle est une ontologie, en tant que système de pensée, un messianisme, en tant que système de conduite. La théorie de la Negritude est l'un des moyens utilisés pour que les Africains redevennent «des producteurs et non des consommateurs de civilisations». Le «Premier Festival des Arts Nègres», réuni à Dakar en avril 1966, a tenu lieu des «Etats Généraux de la Negritude».

⁵ Cf. as relações «infraestrutura-superestrutura» necessariamente «dialécticas» e as constantes «tentações» (e «pecados») quer de «idealismo» quer de «mecanicismo» e «economicismo» de que são vítimas. Sem esquecer a asserção, apenas arentemente contraditória, de Karl Marx: «Quanto a mim, Deus me livre de ser «marxista»...» (Cf., p.e., Rubel M., *Marx Critique du Marxisme*, Paris, Ed. Payot, 1974).

⁶ Cf. Vera Micheles Dean, *The Nature of the Non-Western World* (Nova Iorque, 1965), p. 16: «...Here is «terra incognita» of the twentieth century... Here is the land of which we know so little — the land that we might call «Bandungia», in honor of the first Afro-Asian conference in history held at Bandung, in Indonesia, in April 1955... The west must rediscover «Bandungia» — its spirit and its ideas — as it once discovered its geography...»

⁷ Cf. Claude Julien, *La Révolte de Caliban* (in: *Le Monde Diplomatique*, Paris Fevereiro 1974): «... Parlant de ce gnome qu'il a voulu monstrueux, Shakespeare fait dire à Prospero: «Nous avons besoin de lui». Comme main-d'oeuvre, comme producteur, comme homme à faire des basses besognes. Mais Caliban, en lequel le tiers-monde peut se reconnaître, se dresse pour répondre au Maître:

«Tu m'as appris la langue et tout ce que j'en ai retiré c'est la possibilité de te maudire. Que la peste rouge l'emporte pour m'avoir appris ta langue...»

Tels sont encore, après des siècles, le drame et la colère des peuples tiraillés entre leurs meilleures traditions et la fascination que l'Occident exerce sur eux. Le dialogue entre pays riches et nations prolétaires prendra toute son ampleur humaine, ou bien il éclatera en affrontement brutal et en révolte...»

⁸ Sobre todas estas questões, desde já indico as seguintes obras:

Leclerc G., *Crítica da Antropologia* (tr. Port., Ed. Estampa, 1973).

Copans J., *Críticas e Políticas da Antropologia* (tr. Port., Ed. 70, 1981).

Moutinho M., *Introdução à Etnologia* (Ed. Estampa, 1980).

Vários, *Antropologia, Ciência das Sociedades Primitivas?* (tr. Port., Ed. 70, 1974).

Godelier M., *Horizontes da Antropologia* (tr. Port., Ed. 70, 1982).

Jaulin R., *La Paix Blanche, Introduction à l'Ethnocide* (Paris, 1970).

Garaudy R., *Pour un Dialogue des Civilisations, L'Occident est un Accident* (Paris, 1977).

Anthropologie et Impérialisme, sous la dir. de Copans J. (Paris, 1975).

Adotévi S., *Négritude et Négroloques* (Paris, 1972).

F. Santos Neves, *Texto Introdutório à Assembleia Constituinte da «SALP — Sociedade Africanológica de Língua Portuguesa»*, intitulado «Para uma Crítica da Razão Africanológica» (p. ex., em: *Revista de Humanidades e Tecnologias*, nº4/5 pp. 316-317).

⁹ Cf. F. Santos Neves, l.c. na nota imediatamente anterior e também em: *O Lugar e o Papel das Ciências Sociais e Humanas*, Edições Universitárias Lusófonas, 2ª ed., 2002.

¹⁰ Cf., p.e.:

Balandier G., *Afrique Ambigue* (Paris, 1957);

—, *Anthropologie Ambigue, le Dossier* (in: *Les Nouvelles Littéraires*, Paris, 1976).

Obras citadas acima, nota (8).

¹¹ No fundo, não é outra, por exemplo, a «justificação» apresentada para a inclusão de um livro «sobre a África» (Carreira A., *Angola: da Escravidão ao Trabalho Livre*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1977) na colecção «TEMAS PORTUGUESES», dirigida pelo Prof. Vitorino Magalhães Godinho: «...Ao propormo-nos perscrutar o que somos, o que temos sido e o que queremos ser, não podemos ficar confinados ao rectângulo inscrito na Península Ibérica, mesmo com os seus prolongamentos nas Ilhas adjacentes. Porque, ao desfiar dos séculos, em pedaços pelo mundo repartidos, só compreendemos os Portugueses no contexto das múltiplas sociedades e civilizações que descobriram, com que contactaram, em que se integraram; e também a história delas não se pode desligar tantas vezes da presença ou da acção dos nossos...» (o.c., capa).

Cf., numa perspectiva ainda mais vasta: F. Santos Neves, *Para uma Crítica da Razão Lusófona*, Onze Teses sobre a CPLP e a Lusofonia, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2002, 2ª ed.

I «Américas Negras», «Negritudes Americanas»: o Proto-Movimento da Negritude ou a Negritude «antes da letra»

«Américas Negras»¹², «Negritudes Americanas»¹³: antes da letra, mas já com muita realidade, a «Negritude» surge entre os Negros da América, em diversas formas e nomes: «Regresso à África» («Back to Africa Movement»), de Marcus Garvey; «Desenvolvimento separado e gradualista», de B.T. Washington; sobretudo, W. E. B. Du Bois, com todos os seus filhos e frutos, desde o «Movimento de Niagara» (1905) e a «NAACP» (1909, «National Association for the Advancement of Colored People») até ao movimento do «Renascimento Negro» (1918, «Black Renaissance»), de que fazem parte Langston Hughes, Claude Mc Kay, Countee Cullen, Sterling Brown, Jean Toomer, Richard Wright, Chester Himes, James Baldwin..., e, sem dúvida, até todos os «Movimentos» da «Negritude», do «Panafricanismo» e da «Revolução Africana»¹⁴

Em 1890, o jovem estudante DU BOIS gritava já estas palavras «incríveis»: «Sou Negro e disso me glorio; glorio-me do sangue que me corre nas veias»; e o seu livro «Souls of Black People» (1903) viria a ser chamado «Bíblia do Mundo Negro», como o seu autor viria a receber o nome de «Pai da Negritude», ele que escrevera, na «Introdução»:

«... Será necessário acrescentar que eu, que aqui falo, sou o sangue do sangue e a carne da carne daqueles que vivem no interior do véu?»¹⁵

¹² É o título de um livro de Roger Bastide, LES AMÉRIQUES NOIRES, Les Civilisations Africaines dans le Nouveau Monde (Paris, 1967). Uma das obras clássicas de Roger Bastide na matéria («O Candomblé da Bahia») acaba de ser reeditado no Brasil com prefácio do Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (São Paulo, 2001)

Cf. todo o «fenómeno» de e à volta da obra de Alex Haley, Raízes (tr. Port., Lisboa, Edições Livros do Brasil, 1978).

¹³ Cf. René Depestre, Les Métamorphoses de la Négritude en Amérique (in: Présence Africaine, n. 75, 1970, pp. 19-33), onde o autor sugere todo um vasto «Plano de Trabalho» e define a «Negritude» como «l'équivalent moderne du vieux marronnage, un marronnage culturel conscient..., une forme vigoureuse de contestation qui rejoint la pensée révolutionnaire de notre époque et qui complète le marxisme, en lui ajoutant la connaissance de nos singularités dans l'histoire, du fait de l'esclavage et de la colonisation, du fait du racisme et de ses graves conséquences socio-culturelles et socio-psychologiques..., tout en devenant un dogme dangereux, quand elle ne prend pas en considération le désordre radical des rapports sociaux que l'impérialisme et le néo-colonialisme entretiennent dans le tiers-monde africain, asiatique et afro-américain...»

¹⁴ Cf. Majhemout Diop, Histoire des Classes Sociales dans l'Afrique de l'Ouest, 2: Le Sénégal (Paris, 1972), pp. 262ss. («W.E.B. DU BOIS ET L'AFRIQUE»): «... C'est une certitude que les rêves et les actes de DU BOIS triomphèrent. L'Afrique sera un jour complètement libérée. Elle fera son unité. Elle sera une grande puissance socialiste et, partout dans le monde, l'homme noir réhabilité pourra promener un front altier. S'il est encore une autre certitude, c'est qu'alors, non seulement les Africains mais tous les opprimés de la terre, se souvenant de WILLIAM L'AFRICAIN, dédicront à sa mémoire et à sa gloire leurs plus belles actions et leurs plus nobles pensées».

¹⁵ W. E. B. Du Bois, Âmes Noires, tr. fr., Ed. Présence Africaine, Paris, 1959, p. 10. Cf. as extremamente lúcidas linhas que o mesmo Du Bois escreveu «Cinquante Ans plus tard» (ib., pag. 12):

«... Tandis que je relis ces messages d'un demi-siècle, j'aperçois deux questions laissées dans l'ombre. Ceci n'est pas tellement dû à une omission de ma part mais doit plutôt être considéré

Quanto à intenções da equipa de «Renascimento Negro» (que se reclamará de correntes tão diversas como o socialismo e a doutrina de Gandhi, a justiça cristã e a revolta do proletariado), bastará recordar algumas das proclamações do seu «manifesto»: «Nós, criadores da nova geração negra, queremos exprimir a nossa personalidade negra, sem vergonha e sem medo. Se isso agradar aos brancos, tanto melhor. Se não agradar, pouco nos importa. Sabemos que somos belos e feios também. O tamtam chora e ri. Se isso agradar às pessoas de cor, tanto melhor. Se não agradar, pouco nos importa. É para amanhã que construímos os nossos templos sólidos como só nós sabemos construir, e colocamo-nos no alto da montanha, plenamente livres»¹⁶.

O «Movimento da Negritude» pré-nasceu na América; paradoxalmente, será que a América virá a constituir o último reduto a vencer neste refazer da história do Homem Negro e do Homem sem mais?

II Haiti de Toussaint Louverture, J. Price-Mars, etc.

Haiti de Toussaint Louverture e da revolução da independência (1804) teria sido o país «em que a Negritude se pôs de pé pela primeira vez»¹⁷. Mas só bastante mais tarde (1915...), Haiti faria (ou refaria) o verdadeiro «regresso às suas fontes africanas», em grande parte sob a influência de JEAN PRICE-MARS, de que os numerosos trabalhos de

comme une indication de ce que je ne connaissais pas ou ne savais concevoir. L'une est relative aux travaux de Freud et de ses collaborateurs, en psychologie. L'autre, est le choc extraordinaire produit sur le monde moderne par la pensée de K. Marx...

Mon éducation universitaire ne laissa pas complètement Marx de côté. Il fut mentionné à Harvard et pris en considération à Berlin. Mes professeurs ne l'omirent point, mais ils ne surent comprendre avec suffisamment de clarté ce que signifiait la Révolution dans la pensée et dans l'action. Aussi dois-je peut être terminer ce rappel du passé en disant simplement: je pense encore aujourd'hui comme hier que la question de «couleur» est un grand problème du siècle. Mais aujourd'hui je vois plus clairement qu'hier que derrière le problème de race et de couleur repose un problème plus grand que les obscurcit ou les exécute tous deux...»

¹⁶ Para toda a documentação e, em geral, para a toda chamada «questão racial», «questão negra» na América, cf., p.c.:

Fabre M., Os Negros Americanos (tr. Port., Lisboa, 1968).

—, Black Protest: history, documents and analyses, 1619 to the present, edited with introduction and commentary by Joanne Grant (Nova Iorque, 1968).

—, African Heritage, an Anthology of Black African Personality and Culture selected and edited, with an introduction, by Jacob Drachler, preface by M.J. Herskovits (Nova Iorque, 1964).

—, Report of the National Advisory Commission on Civil Disorders: What happened? Why did it happen? What can be done? (Nova Iorque, 1968)

Allen R., Histoire du Mouvement Noir aux Etats-Unis, 2 vls. (Paris, Ed. Maspéro, 1971).

Guérin D., De 'Oncle Tom Aux Panthères Noires (Paris, Ed., 10-18, 1973).

—, Les Panthères Noires parlent, documents rassemblés et présentés par Ph. S. Foner (tr.fr., Paris, Ed. Maspéro, 1971).

—, Black Power, Étude et Documents (Y. Loyer, Paris, Edi, 1968).

Davis Angela, Autobiographie (tr. Fr., Paris, 1975).

Haley Alex, Raízes (tr.port., Lisboa, 1978).

¹⁷ Aimé Césaire, em, Toussaint Louverture, la Révolution Française et le Problème Colonial (Paris, Ed. Présence Africaine, 1961).

Ensaio histórico...

etnografia haitiana e o papel de conselheiro junto de «Présence Africaine» fizeram verdadeiramente o «tio» ou o grande antepassado de toda esta geração à procura da sua «identidade», quer dizer, da sua «africanidade»:

«...À força de nos crermos franceses «de cor», deixamos de ser simplesmente Haitianos... Não poderemos jamais ser nós próprios repudiando uma parte qualquer da nossa herança ancestral. E esta herança é, oito sobre dez, um dom da África...»¹⁸

E depois (1931...) são os nomes de L. Laleau, J. B. Cinéas, J. F. Brierre, J. Roumain, R. Depestre, J. C. Bajeux, J. S. Alexis, G. Bissainth e, C. Souffrant, L. Hurbon... que contam entre as expressões mais típicas e mais plenas da «Negritude Moderna»¹⁹, a qual, evidentemente, nada tem a ver com a «Negritude-alibi-Ditadura» dos Duvalier,²⁰ e à qual deve associar-se o nome cubano de Nicolau Guillén, que, trinta anos antes de Fidel Castro, denunciou o verdadeiro rosto das Antilhas, destruindo a mentira do exotismo e indicando já o único válido caminho da Negritude²¹.

III

Paris, anos 30: «Légitime Défense» e «L'Étudiant Noir»; a «letra» da Negritude com Léon Contran DAMAS, Aimé CÉSAIRE e Léopold Sédar SENGHOR

Em 1932, um grupo de estudantes antilhenses em Paris, sob a orientação de Etienne Léro, editava a revista «LEGITIME DEFENSE», que não foi além do primeiro número e não passava de um «manifesto surrealístico-comunista» contra toda a «assimilação» (literária, cultural, religiosa, económica, política...) de que sofria o mundo colonial²²; e dois anos mais tarde, também em Paris, outro grupo de jovens antilhenses e africanos lançava o jornal «L'ETUDIANT NOIR», que marcaria o princípio da «letra» do «Movimento da Negritude», cuja «paternidade

histórica oficial» se costuma atribuir²³ aos nomes seguintes: o Guianense Léon Gondran DAMAS, o Martiniquenho? Aimé CÉSAIRE e o Senegalês Léopold Sédar SENGHOR, pessoas, personalidades e personagens²⁴ que, desde o início, exprimem todas as futuras complementaridades, complexidades e ambiguidades do «Movimento da Negritude»²⁵. E o «Cahier D'un Retour au Pays Natal»²⁶, de Aimé Césaire, tem sido justamente considerado como a «epopeia» e o «hino nacional» da «Negritude» ou dos «Homens Negros»:

«... Aqueles que não inventaram nem a pólvora nem a bússola,
Aqueles que não domaram nem o vapor nem a electricidade,
Aqueles que não exploraram nem os mares nem os céus,
Mas conhecem nos menores recantos o país do sofrimento.
Aqueles que se desfizeram em genuflexões,
Aqueles que foram inoculados de abastardamente...
«Eia por aqueles que nunca inventaram nada,
Eia por aqueles que nunca exploraram nada,
Mas se entregam à essência de todas as coisas,
Ignorantes das superfícies, mas ao ritmo do movimento das coisas,
Indiferentes à dominação, mas jogando o próprio jogo do mundo,
Porosos a todos os sopros do mundo,
Faíscas de fogo sagrado do mundo,
Carne da carne do mundo,
Palpitando com o próprio movimento do mundo!
Eia, círculo perfeito do mundo e suprema concórdia!...
Faz-me rebelde a todas as vaidades, mas dócil ao seu génio.

¹⁸ Price-Mars J., *Ainsi Parle l'Oncle, essai d'ethnographie* (Compiègne, 1928), pp. 11, 210. Ver o quadro bio-bibliográfico de Price-Mars elaborado por C. Souffrant, in: *Une Négritude Socialiste...* (Paris, 1978), pp. 107-108.

¹⁹ Porque geralmente mais esquecido, recordaria o notável contributo Haitiano ao que poderia chamar-se a «Teologia da Negritude» ou a «Negritude da Teologia», p.e.: Souffrant C., *Une Négritude Socialiste, religion et développement chez J. Roumain, J.S. Alexis et L. Hughes* (Paris, 1978).

Hurbon L., *Dieu et le Vaudou Haitien* (Paris, 1972).

²⁰ Mesmo se é verdade que a «Negritude Duvalieriana» aponta uma das soluções possíveis (e realizadas!) do «Movimento da Negritude», num grau de extremismo caricatural, de que a «Negritude Senghoriana» constituiria, para alguns, o grau «moderado», «democrático» e até «africano-socialista»...

²¹ Não terá sido por acaso que Francisco Tenreiro e Mário de Andrade dedicaram o «PRIMEIRO CADERNO DE POESIA NEGRA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA» (Lisboa, 1953) a «Nicolau Guillén, a voz mais alta da Negritude de expressão hispano-americana» e o abriram com um dos seus poemas («Son Número 6»: «Yoruba soy, lloro en yoruba...»).

²² Além de Etienne Léro, eram signatários de «Légitime Défense»: Thélus Léro, Jules Monnerot, René Ménil, Maurice-Sabot Quilman, Michel Pilotin, Simone Voyette, L. Thèses.

²³ A origem do próprio termo de «Negritude» dever-se-à a A. Césaire, segundo o testemunho de L.S. Senghor (in: *Liberté 1, Négritude et Humanisme*, Paris, 1964, pag. 8): «... Il faut rendre à Césaire ce qui est à Césaire. Car c'est lui qui a inventé le mot dans les années 1932-1934».

Além de Césaire, Senghor e Damas, faziam parte do grupo de «L'Étudiant Noir»: Léonard Sainville, Aristide Maugée, Birago Diop, Ousmane Soce, os irmãos Achille.

²⁴ Para uma introdução bio-bibliográfica a Damas, Césaire e Senghor, cf., p.e.: Kesteloot L., *Les Écrivains Noirs de Langue Française: Naissance d'une Littérature* (Bruxelas, 1965);

—, *Anthologie Nègre-Africaine: Panorama critique des Prosateurs, Poètes et Dramaturges Noirs du XX siècle* (Ed. Marabout, 1967).

Jahn J., *Manual de Littérature Néo-africaine* (tr.fr., Paris, 1969).

Chevrier J., *Littérature Nègre* (Paris, 1974).

Cornevin R., *Littératures d'Afrique Noire de Langue Française* (Paris, 1976).

Kesteloot L., Kotchy B., Aimé Césaire, *L'Homme et l'Oeuvre* (Paris, 1973).

Milcent E. — Sordet M., L. S. Senghor et la Naissance de l'Afrique Moderne (Paris, 1969).

Wauthier C., *L'Afrique des Africains. Inventaire de la Négritude* (Paris, 1972, 2ª ed.).

²⁵ Os primeiros «poemas históricos» dos históricos poetas-pais» da Negritude foram:

Damas L. G., *Pigments* (Paris, 1937).

Césaire A., *Cahier d'un Retour au Pays Natal* (Paris, 1939).

Senghor L. S., *Chants d'Ombre* (Paris, 1945); *Hosties Noires* (Paris, 1948).

De entre os ensaios destes «Pais Fundadores do Movimento da Negritude», cuja influência política talvez tenha sido mais importante que a dos seus poemas» (Kesteloot L., *Anthologie...*, pg. 80), deverão salientar-se:

Damas L.G., *Le Retour de Guyanne* (Paris, 1938).

Senghor L.S., *Ce que l'Homme Noir Apporte* (Paris, 1939).

Césaire A., *Discours sur le Colonialisme* (Paris, 1950).

²⁶ Césaire A., *Cahier d'un Retour au Pays Natal* (Paris, 1939).

Eis o tempo de cingir os rins como um homem valente!
Mas guarda-me, é coração, de todo o ódio,
Não faças de mim este homem de ódio por quem não tenho senão
ódio.
Porque, embora desta única raça,
Bem conheces o meu amor tirânico,
Bem sabes que não é por ódio às outras raças,
Que me proponho construtor desta única raça,
Bem sabes que tudo o que procuro
É para a fome e a sede universal...
Para que ela possa produzir na liberdade
A suculência dos frutos...»²⁷

IV

Martinica, 1941...: «Tropiques, Revue Culturelle»

Em Abril de 1941, sob o impulso de Aimé Césaire, nascia em Fort-de-France, na Martinica, «para dizer não à sombra e porque o mundo precisa de todos os seus filhos, mesmo os mais humildes»²⁸, a revista «TROPIQUES», «cronologicamente a primeira das iniciativas que darão ao Movimento da Negritude uma envergadura internacional»²⁹ e que, embora quase sempre esquecida, se reveste de tanto maior importância quanto, logo desde o princípio de toda a «história», assinalou ao «Movimento da Negritude» os parâmetros fora dos quais o mesmo ficaria condenado a tornar-se folclore impertinente ou alibi ideológico³⁰.

V

Paris-Dakar, 1947: «Présence Africaine, Revue Culturelle du Monde Noir»

Em Novembro–Dezembro de 1947, em Paris e Dakar simultaneamente, surge o primeiro número da revista «PRESENCE AFRICAINE», dirigida pelo Senegalês ALIOUNE DIOP, à frente de todo o grupo de herdeiros dos «Negritudinistas». Patrocinada pela maior parte dos intelectuais franceses de «esquerda» (E. Mounier, A. Gide, J. P. Sartre,

A. Camus, Th. Monod, M. Griaule, G. Rosenthal, D. Rousset, P. Rivet, M. Leiris, direcção da «Revista Internacional...») e «negros» (L. S. Senghor, A. Césaire, R. Wright, P. Hazoumé), «PRESENCE AFRICAINE» «não se coloca sob a obediência de nenhuma ideologia filosófica ou política e quer abrir-se à colaboração de todos os homens de boa vontade (brancos, amarelos ou negros), susceptíveis de nos ajudarem a definir a originalidade africana e a apressar a sua inserção no mundo moderno»³¹.

Sob o lema de Saint-Exupéry, «só podem dizer-se irmãos os homens que colaboram», foram essas as primeiras palavras de Alioune Diop, que afirmava ainda: «A ideia é de 1942-1943. Éramos, em Paris, um certo número de estudantes do ultramar, que, no meio dos sofrimentos de uma Europa que se interrogava sobre a sua essência e a autenticidade dos seus valores, nos reunimos para estudar a situação e as características que nos definiam a nós próprios...»

Incapazes de tornar inteiramente às nossas tradições de origem ou constituir uma raça nova, mentalmente mestiçada...

Desenraizados? Eramos-lo, exactamente na medida em que não tínhamos ainda pensado na nossa posição no Mundo e nos abandonávamos entre duas Sociedades, sem significado reconhecido nem numa nem noutra, a uma e a outra estrangeiros...

O Negro, que brilha pela ausência na elaboração da cidade moderna, poderá, pouco a pouco, dar significado à sua presença, contribuindo para a recriação dum humanismo verdadeiramente à medida do homem. Porque é certo que nunca se chegará ao autêntico universalismo, se, na sua formação, concorrerem apenas subjectividades europeias...

Nós, os africanos, devemos apropriar-nos das questões que se põem no plano mundial e pensá-las com todos os homens, para que possamos encontrar-nos um dia entre os criadores de uma ordem nova...»

Tornada, explicitamente, «Revista Cultural do Mundo Negro» e publicada em francês e inglês, a revista «Presence Africaine», com os «números e cadernos especiais», com as «Edições» do mesmo nome, com as actividades da «Sociedade Africana de Cultura» (S.A.C.), etc., constitui, à imagem do seu «programa» ou das suas «razões de ser», um conjunto extremamente eclético e ambíguo mas também extremamente rico e, em todo o caso, indispensável a qualquer abordagem científica do «Movimento da Negritude» e da «África Moderna» sem mais ³².

²⁷ Aimé Césaire, o.c., tradução do autor.

Quanto a ulteriores (e definitivas?) precisões sobre o exacto surgimento cronológico do termo «Negritude», cf. Pires Laranjeira, o.c., p. 73.

²⁸ Palavras da apaixonada «apresentação» de Aimé Césaire, no primeiro número de «TROPIQUES, REVUE CULTURELLE» (Abril, 1941).

²⁹ Afirmação de Kesteloot L., in: La Grande Encyclopédie Larousse, «Negritude», Vol. 14, pg. 8445.

³⁰ Cf. «REPRODUCTION ANASTALTIQUE DE LA COLLECTION COMPLÈTE DE LA REVUE TROPIQUES», 2 tomos (Ed. Jean-Michel Place, Paris, 1978), incluindo:

«Tropiques, collection complete, avril 1941 à septembre 1945;

Une interview d'Aimé Césaire par Jacqueline Leiner;

—, Pour une lecture critique de «Tropiques», par René Méné;

—, Un index des collaborateurs» (notícia da capa da publicação).

³¹ O «Comité de Redacção» era formado pelos seguintes nomes:

B. Dadié, C. Dia, Ayeuné, G. Balandier, F. D. Cissokho, M. Dia, P. Mercier, Meyé, H. Panassié, A. Sadjí, T. Serpes, M. Sillret.

³² De facto, maneira óptima de estudar a «África Moderna» e o «Movimento da Negritude» seria estudar, de forma exaustiva (a exemplo do que fez Sartre em relação a Flaubert em «L'Idiot de la Famille», «analítico-existencialisticamente, marxisticamente, estruturalisticamente...») toda a eclética e ambígua realidade de «Présence Africaine».

Cf. utilíssimo «Index Alphabétique des Auteurs et Index Méthodique des Matières de la Revue Presence Africaine, 1947-1976» (Jacques Howlett, Paris, 1977).

VI

Paris, 1948: «Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Française», de L. S. Senghor, com o «Prefácio» de J. P. Sartre, «Orphée Noir»

Alguns meses depois do lançamento da revista «Présence Africaine», editava L. S. Senghor uma «Anthologie de La Nouvelle Poesie Nègre et Malgache de Langue Française»³³, que fez data na história da Negritude, por várias razões:

Selecionava os poemas mais violentos, mais dolorosos, os mais «não-franceses» dos escritores negros, elaborando assim um verdadeiro «Manifesto da Rebelião Africana» contra a opressão política e cultural do Ocidente;

Era como a «Acta Oficial» do nascimento de uma literatura Negro-Africana de língua francesa, própria e irredutível;

Finalmente, mas não minimamente, a «Antologia» do Negro-Africano Senghor trazia o «prefácio» do Branco-Europeu Sartre, intitulado «Orphée Noir», brilhante ensaio filosófico e brilhantíssimo texto literário, depois do qual «toda a gente se pôs a falar da Negritude»³⁴.

- ³³ Índice Geral da «Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Française» (Paris, P.U.F., 1948):
 Avant-Propos, par Ch. Julien, VII
 Orphée Noir, par J. P. Sartre, IX-XLIV
 Introduction, par L.S. Senghor, I
 Guyane
 Léon G. Damas, 5-218
 Martinique
 Gilbert Gratiant, 29-44
 Etienne Léro, 49-53
 Aimé Césaire, 55-81
 Guadeloupe
 Guy Tirolen, 85-89
 Paul Niger, 91-101
 Haiti
 Léon Laleau, 107-109
 Jacques Roumain, 111-119
 Jean F. Brière, 121-124
 René Belange, 129-130
 Afrique Noire
 Birage Diop, 137-145
 Léopol Sédar Senghor, 147-170
 David Diop, 173-176
 Madagascar
 Jean Joseph Rabéarivele, 179-180
 Jacques Rabémananjara, 193-204
 Flavien Ranaivo, 207-216

- ³⁴ Kesteloot L., o.c. «Anthologie...», pp. 132ss.
 No entanto, o que se poderia chamar «idealismo dialéctico» de Sartre também tem sido violentamente criticado: no que se refere ao «idealismo», cf., p.e., a brochura de Alfredo Margarido, Negritude e Humanismo (Lisboa, 1964), de um «marxismo» quase super-ortodoxo; quanto à «dialéctica», cf., p.e., as palavras de L. Kesteloot, o. c., p. 133:
 «... Questions absurdes de Sartre: «Qu'arrivera-t-il si le Noir, dépouillant sa Négritude au profit de la Révolution, ne se veut plus considérer que comme un prolétaire? La source de la poésie tarira-t-elle? ou bien le grand fleuve noir colorera-t-il malgré tout la mer dans laquelle il se jette?» Je ne me rappelle pourtant pas que les Révolutionnaires Russes aient perdu leur langue, leur littérature, leur musique, bref leur culture et leur âme parce qu'ils avaient fait la Révolution!»

VII

Os «Ensaístas» («Africanistas» não-africanos e africanos) e os «Romancistas» da Negritude

Neste inventário genético-histórico, o nome de J.P. Sartre simboliza muitos outros nomes, africanos e não-africanos, que poderíamos apelar de «ENSAÍSTAS da NEGRITUDE (antes, durante e depois da «letra», evidentemente).

Entre os não-africanos e muito antes da «letra», como não recordar, antes de mais, os nomes do alemão Leo Frobenius e do francês Maurice Delafosse, que foram os grandes pioneiros da destruição dos «mitos» e «tabus» que a Europa criara sobre a África e os «primitivos», os «selvagens», os «bárbaros», os «não-civilizados», etc. Por exemplo, frases como as seguintes de Leo Frobenius aparecem constantemente citadas pelos apóstolos da Negritude:

«A ideia de Negro bárbaro é uma invenção europeia. Os Negros são civilizados até à medula dos ossos».

«Onde quer que possamos ainda encontrar esta velha civilização, ela traz a mesma marca. Quando visitamos os grandes museus da Europa, o Trocadero, o Museu Britânico, os museus da Bélgica, da Itália, da Holanda ou da Alemanha, em toda a parte reconhecemos um espírito, um carácter, uma essência semelhantes. De qualquer ponto deste continente que provenham os objectos dispersos, eles unem-se para falar a mesma língua»³⁵.

Ainda entre os não-africanos, seria impossível nomear todos os historiadores, linguistas, antropólogos, teólogos, etc., que constituíram o exército pioneiro de uma «Africanologia Diferente»³⁶. E entre os «Africanistas Africanos», seria necessário nomear todos aqueles que, pela tripla via da «cultura», da «política e da «revolução», modernamente redescobriram a «sua» África³⁷, seria necessário, por exemplo, nomear grande parte dos colaboradores de «Présence Africaine»³⁸. Como seria injusto não fazer, ao menos, uma alusão aos escritores «ROMANCISTAS», desde René Maran (com «Batouala, Véritable Roman Nègre», «escandalosamente» galardoado, em 1921, com o prémio

³⁵ As obras de Leo Frobenius (Histoire de la Civilisation Africaine, tr. Fr., Paris, 1936, 3ª ed.) e de Maurice Delafosse (Les Noirs de l'Afrique, Paris, 1922; Civilisations Nègro-Africaines, Paris, 1925; Les Nègres, Paris, 1927; L'Âme Nègre, Paris, 1927...) tornaram-se «livros de cabeceira» de muitos dos estudantes negros na Europa.

Para um breve mas inflamado «bestiário» dos «mitos» e «tabus» ocidentais, ler: Césaire A., Discurso sobre o Colonialismo (tr. port., Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1978).

³⁶ Alguns nomes-símbolo desta «Africanologia Diferente»: G. Hardy, R. Delavignette, Ch. A. Julien, Th. Monod, P. Rivet, M. Leiris, M. Griaule, A. H. Junod, J. Suret-Canale, G. Balandier, P. Mercier, J. Maquet, L. V. Thomas, M. Herskovits, B. Davidson, P. Tempels, E. Mounier, A. Gide...

³⁷ Além dos já citados históricos «País da Negritude», poderíamos recordar os nomes de Cheikh Anta Diop, Jomo Kenyatta, G. Padmore, K.Nkrumah, Sékou Touré, J.Nyerere, J.Ki-Zerbo, E.Mueng, M.P.Hebga, M.Ngouabi, O.Odinga, P.Lumumba, Franz Fanon, Amílcar Cabral, Mário de Andrade, Agostinho Neto, Samora Machel, etc... Independentemente, claro está, de todas as concordâncias ou discordâncias político-ideológicas.

³⁸ «Présence Africaine»: revista, edições, congressos, «Sociedade Africana de Cultura», etc. (cf., acima, notas 31, 32).

«Goncourt») e principalmente desde que, pelos anos 50, o «Romance» teria tomado o lugar da «Poesia» como expressão mais típica do «Movimento da Negritude».³⁹

VIII

Alguns outros «Acontecimentos Maiores» do «Movimento da Negritude»

Terminaria esta «génese histórica» com a recensão de alguns outros «Acontecimentos Maiores» que, nos últimos anos, significativamente «marcaram» o «Movimento da Negritude».⁴⁰

1. «*La Philosophie Bantoue*», do Padre Placide Tempels⁴¹, de que Alioune Diop não hesitou em escrever:

«...Eis um livro essencial ao Negro, à sua tomada de consciência, à sua sede de situar-se relativamente à Europa. Deverá também tornar-se o livro de cabeceira de todos quantos se preocupam em compreender o Africano e em com ele dialogar autenticamente. Para mim, este pequeno livro é, simplesmente, o mais importante de quantos li sobre a África»⁴²...

2. «*Nations Nègres et Culture*», de Cheikh Anta Diop⁴³, «o livro mais audaz que um Negro jamais escreveu» (Aimé Césaire) e que se tornaria

³⁹ Cf. Chevrier J., *Littérature Nègre* (Paris, 1974), pp. 124 ss., «L'Âge du Roman»: ... «Une des questions que l'on est amené à se poser est, en effet, de savoir pourquoi, brusquement, les voix pathétiques de Césaire, Damas et Senghor se sont tues, laissant ainsi le champ libre à des romanciers aux noms désormais célèbres, les Mongo Béti, Camara Laye, Cheikh Hamadou Kane ou Sembene Ousmane...»

⁴⁰ Esta recensão é, por um lado, apenas exemplificativa, limitando-se, por outro lado, a acontecimentos mais especificamente conexos com a «via cultural» própria do «Movimento da Negritude». Parece óbvio que acontecimentos como a «Conferência de Bandung» (Abril 1955), «acta do nascimento do Terceiro Mundo, dos Povos Não-Alinhados», etc. ou a criação da «Organização de Unidade Africana (O.U.A., Addis-Abeba, Maio 1963), data histórica para todo o «Movimento Panafricanista» e para todos os «Movimentos de Independência Política», poderiam ser assinalados como ainda «maiores» que os «maiores acontecimentos» recenseados no texto.

⁴¹ Tempels P. Père, *La Philosophie Bantoue* (Elisabethville, 1945, Paris, Ed. Présence Africaine, 1949).

Todo o espírito da obra transparece das seguintes linhas (pp. 111 ss.): «... Si notre hypothèse correspond à la réalité, et nous fait toucher le fond de l'âme primitive, nous nous verrons dans l'obligation d'opérer une révision de nos conceptions fondamentales au sujet des non-civilisés... Cette «découverte» de la philosophie des Bantous pourra paraître déconcertante. On sera tenté de se croire devant un phénomène de mirage... On sent qu'il s'agira de parler de «sagesse à sagesse», «d'idéal à idéal», de «conception du monde à conception du monde». N'est-ce pas «le crépuscule des dieux»?...

⁴² Alioune Diop, palavras da apresentação do livro. Todos os entusiasmos relativamente a este «trabalho pioneiro» e subjectivamente generoso do P. Tempels não deverão fazer esquecer as críticas de que também foi alvo, por exemplo: A. Césaire, o.c. «Discurso sobre o Colonialismo». Hountondji P. J., Sur la «Philosophie Africaine», Critique de l'Ethnophilosophie (Paris, Ed. Maspéro, 1977). Towa M., Essai sur la Problématique Philosophique dans l'Afrique Actuelle (Yaoundé, 1971). Eboussi-Boulaga F., Le Bantou Problématique (in: Présence Africaine, n.º 66, 1968).

«a carta magna da inteligência negra», de um autor que, em 1966, o «Festival das Artes Negras de Dakar» honraria como «o intelectual negro de influência mais fecunda sobre o século XX», mostrando, com palavras e exemplos, «a indispensabilidade de os Africanos se consagrarem à sua própria história e civilização, para melhor as conhecerem e assim tornarem arcaicas, grotescas e de futuro inofensivas as armas culturais do colonialismo...»⁴⁴

3. «*Primeiro Congresso Internacional dos Escritores e Artistas Negros*» (Paris-Sorbona, 19-22 de Setembro de 1956), o qual será registado em letras de ouro, porque se, desde o fim da guerra, o encontro de Bandung constitui, para as consciências não europeias, o acontecimento primeiro, creio poder afirmar que este congresso mundial dos homens de cultura negros representará, para os nossos povos, o segundo acontecimento da década...»⁴⁵ e cuja «Resolução Final» designadamente «convida artistas, escritores, teólogos, pensadores, sábios e técnicos a participarem na tarefa histórica de fazer reviver, de reabilitar e desenvolver as culturas negras a fim de favorecer a integração das mesmas no conjunto da cultura humana...»⁴⁶

4. «*Segundo Congresso dos Escritores e Artistas Negros*» (Roma, 26 de Março-1 de Abril de 1959), de cuja extrema abundância de comunicações e resoluções me limito, aqui e agora, a assinalar a característica «Resolução Geral, Independência e Unidade», na qual o Congresso recomenda aos Escritores e Artistas Negros que «tenham como tarefa

⁴³ Cheikh Anta Diop, *Nations Nègres et Culture, De l'Antiquité Nègre-Egyptienne aux Problèmes Culturels de l'Afrique d'Aujourd'hui* (Paris, Ed. Présence Africaine, 1955).

⁴⁴ Palavras do «Prefácio», verdadeiro «Manifesto da Cultura e do Homem de Cultura Negra», em que o Autor ataca nomeadamente os «cosmopolito-scientista-modernizantes, o intelectual que a oublié de soigner sa formation marxiste ou celui qui a étudié rapidement le marxisme dans l'absolu sans en avoir jamais envisagé l'application au cas particulier qu'est la réalité sociale de son pays, les anti-nationalistes formalistes, le groupe composé d'éléments pensant que seule la lutte pour le pain quotidien importe, tout le reste n'étant que préoccupation d'intellectuel...», para concluir:

«...Cet ouvrage n'est pas une «invention» sur des questions données: quiconque voudra se servir du marxisme comme guide d'action sur le terrain africain arrivera sensiblement aux mêmes conclusions...» (o.c., pp. 9-17).

Outras obras de Cheikh Anta Diop (Paris, Ed. Présence Africaine):

L'Unité Culturelle de l'Afrique Noire, Domaines du Patriarcat et du Matriarcat dans l'Antiquité Classique (1959).

L'Afrique Noire Pré-Coloniale, Etude Comparée des Systèmes Politiques et Sociaux de l'Europe et de l'Afrique Noire, de l'Antiquité à la Formation des Etats Modernes (1960).

Les Fondements Culturels, Techniques et Industriels d'un Futur Etat Fédéral d'Afrique Noire (1966).

Antériorité des Civilisations Nègres: Mythe ou Vérité Historique? (1967).

Parenté génétique de l'Egyptien Pharaonique et des Langues Nègre-Africaines (Dakar, 1978).

⁴⁵ Alioune Diop, «Discours d'Ouverture».

Cf. actas e actos completos nos seguintes números especiais de «Présence Africaine»:

Numéro Spécial VIII-IX-X (Compte-rendu complet du Premier Congrès International des Ecrivains et Artistes Noirs).

Numéro Spécial XIV-XV (Contributions au...).

⁴⁶ Cf. Texto integral da «Résolution Finale» no cit. «numéro spécial VIII-IX-X» de Présence Africaine.

Ensaio histórico...

essencial e missão sagrada inserir a sua actividade cultural no grande movimento de libertação dos seus Povos particulares, sem perder de vista a solidariedade que deve unir todos aqueles, indivíduos e povos, que combatem pela liquidação da colonização e suas sequelas, como todos aqueles que no mundo lutam pelo progresso e pela liberdade».⁴⁷

5. «Primeiro Festival Mundial das Artes Negras» (Dakar-Senegal), 1-24 de Abril de 1966), o qual pretendeu realizar os «Estados Gerais da Negritude» e foi aberto e animado por um «Colóquio sobre a Função e o Significado da Arte Negra na Vida do Povo e para o Povo».⁴⁸

6. «Colóquio sobre a Negritude» (Dakar-Senegal, 12-18 de Abril de 1971), de que as (demasiado grandes e finalmente demasiado apologéticas senão defensivas?) ambições aparecem, nomeadamente, na vasta comunicação programática de L.S.Senghor, intitulada «Problemática da Negritude».⁴⁹

⁴⁷ Igualmente para as actas e os actos completos do «Segundo Congresso dos Escritores e Artistas Negros», cf. os seguintes dois «numéros spéciaux» de «Présence Africaine»:

Tome I (nn.XXIV-XXV): L'Unité des Cultures Nègre-Africaines.

Tome II (nn.XXVII-XXVIII): Responsabilités des Hommes de Culture.

Eis o texto integral desta tão «política» «Resolução Final, Independência e Unidade» de um «Congresso de Escritores e Artistas Negros» que marca uma das etapas importantes da «via cultural» própria do «Movimento da Negritude»:

«Les écrivains et artistes noirs réunis à Rome se félicitent du processus de décolonisations largement commencé dans le monde.

Ils considèrent que ce mouvement doit être élargi et amplifié: comme le XIX siècle a été celui de la colonisation, le XX siècle doit être celui de la décolonisation généralisée.

Ils considèrent que c'est un devoir impérieux pour les membres de la Société Africaine de Culture de se faire dans tous les domaines les militants actifs de cette décolonisation indispensable à la paix du monde et au développement de la culture.

Ils protestent contre toutes les manifestations et contre tous les actes de violence, où qu'ils se situent, et par lesquels un colonialisme attardé veut empêcher les peuples colonisés de saisir leur liberté.

Ils réaffirment leur conviction:

1° que l'indépendance politique et la libération économique sont les conditions indispensables à l'essor culturel des pays sous-développés en général et des pays négro-africains en particulier;

2° que tous les efforts vers le regroupement de pays ou de nations artificiellement divisés par l'impérialisme, toute prise de conscience d'une solidarité fondamentale, toute volonté d'unité sont positives, profitables au rééquilibre du monde comme à la revitalisation de la culture;

3° que tout effort pour la personnalisation et l'enrichissement des cultures nationales, comme tout effort d'enracinement des hommes de culture noirs dans leurs propres civilisations, constituent, en fait, un progrès vers l'universalisation des valeurs et sont une contribution à civilisation humaine.

En conséquence, le Congrès recommande aux écrivains et artistes noirs d'insérer leur activité culturelle dans le grand mouvement de libération de leurs peuples particuliers, sans perdre de vue la solidarité qui doit unir tous ceux, individus et peuples, qui combattent pour la liquidation de la colonisation et de ses séquelles, comme tous ceux qui dans le monde luttent pour le progrès et pour la liberté».

⁴⁸ Cf. Os dois volumes publicados pela «Société Africaine de Culture» (Paris, Ed.Présence Africaine) sobre o «Colloque sur l'Art Nègre»:

Tome I: Rapports (1967)

Tome II: Communications (1971)

⁴⁹ Cf. «Colloque sur la Négritude, tenu à Dakar, Sénégal, du 12 au 18 Avril 1971, sous les auspices de L'Union Progressiste Sénégalaise» (Paris, Ed.Présence Africaine, 1972) e respectiva «TABLE DES MATIERES»:

7. «Segundo Festival Mundial das Artes Negras» (Lagos-Nigéria, 1975), cujo «Colóquio» foi subordinado ao tema «Civilização Negra e Educação», em vistas de «restituir ao Povo Negro a autoridade e a iniciativa culturais que lhe são próprias e cujo exercício é necessário à existência e à renovação dos valores da civilização Africana...».⁵⁰

8. «Africacult: Conferência Intergovernamental da Unesco sobre as Políticas Culturais em África» (Acra-Gana, 27 Outubro-6 Novembro 1976), em que foram abordados quatro temas principais, a saber: a afirmação da identidade cultural, a acção cultural, o desenvolvimento cultural como factor de transformação social, a cooperação cultural, designadamente com o objectivo de um «Projecto de Carta Cultural de África».⁵¹

Problématique de la Négritude, par L.S.Senghor

Les Précurseurs Nègre-Américains de la Négritude, par Mercer Cook

Négritude et Civilisation Gréco-Romaine, par le R.P.E. Mueng

Négritude et Humanisme, par T.Melone

Négritude et Littérature, par M.Kane

Communication de R.L.F.Durand

Négritude et Musique, par M. Lonoh

Négritude et Arts Plastiques Contemporains, par P.I.Tall

Négritude et Art Nègre Traditionnel, par G.Niangoran-Bouah

Négritude et Développement, par A.Diouf

Négritude et Education, par A. Seck

Négritude et Politique, par A.Sène

Négritude et «African Personality», par A.Irele

Négritude et Droit Africain, par R.Amonoo

Négritude et Droit Moderne, par S.M.Sy

Négritude et Science, par E. Belinga (Annexes par M.Mizoni et E. Mueng)

Négritude et Mathématique, par S.Miang

Entre la Négritude et le Pouvoir Noir, par R.Piquion

Discours de Clôture, par Léon Damas

Nous passons le flambeau, par A.Cissé Dia

A longa «comunicação programática» de L. S. Senghor ocupa as páginas 13-28, para concluir: «...Le débat n'est pas d'aujourd'hui, nous avons commencé de l'engager dans les années trente contre des congénères qui plaçaient le Marxisme avant la Négritude. Notre thèse était, est que la Culture est supérieure à la Politique, dont elle est la condition préalable et le but ultime. En d'autres termes, que l'homme est au commencement et à la fin du développement. Ou encore, que le Marxisme doit être, non pas révisé, mais repensé par des têtes noires et selon les valeurs de la Négritude.

Il est vrai que nous avons pas attendu, comme nos soi-disant «révolutionnaires», Marx ni Lénine, ni Mao Tsé-Toung, pour penser notre situation et travailler à nous construire un modèle culturel et politique, économique et social accordé en même temps aux valeurs de la Négritude et à celles de la Modernité. Nous ne récusons les civilisations ni de l'Europe ni de l'Amérique ni de l'Asie; nous ne refusons même pas emprunter aux idéologies – capitalisme libéral ou socialisme démocratique, marxisme-léninisme à la russe ou à la chinoise – dont se servent les impérialismes en lutte pour la domination du monde, singulièrement en Afrique, et où nous, militants de la Négritude, avons à prendre et à apprendre. Mais comme Lénine après Marx, nous devons, après Mao Tsé-Toung et Nehru, penser et agir par nous-mêmes et pour nous-mêmes, en Nègres...»

⁵⁰ Cf. Alioune Diop, Du Festival des Arts Nègres de Dakar au Festival de Lagos, Itinéraire, in: Présence Africaine, n.92(1974)pp.3 ss.

⁵¹ Cf. Os dois números de Présence Africaine (nn.98 e 99-100, 1976) sobre «Identité Culturelle Nègre-Africaine», «Negro-African Cultural Identity», com numerosos «Documentos» em francês e em inglês.

9. «Les Africains. Encyclopédie de l'Histoire Africaine»⁵², verdadeira «saga de um continente», na expressão de Jean Ziegler⁵³ e que o seu grande animador e patrono, Charles-André Julien, «prefaciou-apresentou» como a «realização» da «Encyclopaedia Africana» sonhada por W.E.B. Du Bois⁵⁴...

10. «História Geral da África», da UNESCO⁵⁵, cujas ambições estão patentes nas seguintes linhas de «Apresentação do Projecto»:

«...Neste projecto, a história da África é enfocada do ponto de vista da própria África. Obra erudita, ela é também, em grande medida, o reflexo fiel da maneira como os autores Africanos vêem sua própria civilização. Ainda que seja elaborada dentro de um quadro internacional e utilize os dados científicos actuais, a «História» será também um elemento capital para o reconhecimento do património cultural Africano e colocará em evidência os factores que contribuíram para a unidade do continente...»⁵⁶

IX

«Primeiro Festival Cultural Pan-Africano» (Argel, Julho-Agosto 1969), as «Exéquias Gerais» do Movimento da Negritude?

Ao lado de e em oposição a todos os «acontecimentos maiores» do «Movimento da Negritude», antes sibolicamente recenseados, deverá colocar-se o «maior anti-acontecimento», real e simbólico, («Exéquias Gerais da Negritude», assim foi apelidado...), que constituiu o «FESTIVAL CULTURAL PAN-AFRICANO DE ARGEL» (Julho-Agosto 1969) e de que todo o espírito se encontra sintetizado na fórmula-choque-slogan do filme-reportagem-panfleto de William Klein: «A CULTURA AFRICANA SERÁ REVOLUCIONÁRIA OU NUNCA SERÁ!»⁵⁷ e no «MANIFESTO CUL-

TURAL PANAFRICANO» da «Conclusão» do «Simpósio», reunido em vistas de «um debate de fundo sobre as realidades da Cultura Africana, sobre o papel da Cultura Africana nas lutas de Libertação Nacional e na consolidação da Unidade Africana, sobre o papel da Cultura no Desenvolvimento Económico e Social da África»⁵⁸.

X

O «Movimento da Negritude» nas ex-colónias portuguesas

Que «o Mundo Negro seja um dos elementos essenciais e fundamentais do Mundo Africano» e que, «sem o Mundo Negro, o Mundo Africano nunca possa realizar uma síntese válida de plenitude humana e cultural, no respeito, no serviço e no diálogo, em ordem à civilização africana e planetária»⁵⁹ ou que «Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde ou S.Tomé e Príncipe se situem em África» (!), eis truismos e evidências que, no espaço colonial-português, constituíam revelações, heresias e crimes de lesa-ignorância, de lesa-estupidez, de lesa-doutrina ou de lesa-Pátria! Sob muitos aspectos, a África, nas ex-colónias portuguesas, continuava a ser a «terra incógnita» dos antigos e vinha quase a propósito a frase com que David Livingstone, em 1857, iniciara o seu relatório, na Sociedade de Geografia de Londres: «Dão-me licença de chamar a Vossa atenção para a África?»

São já de Norton de Mattos, que falava das «lendas sobre os Africanos que era necessário destruir», as seguintes observações:

«...Terão ou não razão as conclusões de Léo Frobenius, sobre a civilização africana? A sua unidade, já inteiramente realizada, milhares de anos antes de Cristo..., o seu resplendor, num passado já muito remo-

⁵² LES AFRICAINS, sous la direction de Ch.-A.JULIEN et Megali Morsy, Catherine Coquery-Vidrovitch, Yves Person (Paris, Ed. Jeune Afrique, 12 vls., 1977...).

⁵³ Ziegler J., La Saga d'un Continent, in: Le Nouvel Observateur, Paris, 12 Junho 1978, pg. 76.

⁵⁴ Ch.-A. Julien, Les Africains, vol. I, pp. 9 ss.

⁵⁵ «História Geral da África», projecto decidido pela UNESCO em 1970 e principiado a publicar em 1980, em francês e em inglês, com o seguinte plano:

Vol. I: Metodologia e Pré-história da África

Vol. II: A África Antiga

Vol. III: A África do século VII ao século XI

Vol. IV: A África do século XII ao século XVI

Vol. V: A África do século VI ao século XVIII

Vol. VI: A África do século XIX até 1880

Vol. VII: A África sob dominação estrangeira, 1880-1935

Vol. VIII: A África a partir de 1935

A tradução-edição portuguesa, está a cargo da Ed. Ática, Brasil.

⁵⁶ Cf. «Apresentação do Projecto», por Bethwell A. Ogot, Presidente do Comité Científico Internacional para a Redacção de uma História Geral da África, nas primeiras páginas do vol. I.

⁵⁷ Fado do filme de William Klein consagrado ao acontecimento do «Primeiro Festival Cultural Panafricano» e com o mesmo título.

⁵⁸ São estas as primeiras linhas (que constituirão outros tantos subtítulos) do «MANIFESTO CULTURAL PANAFRICANO DE ARGEL», de que a revista «Présence Africaine» (n. 71, 1969, pp. 115 ss.) publicou os textos francês e inglês, mas, significativamente, apenas a título de «documento» e sem qualquer comentário...

Cf. texto integral do citado «MANIFESTO» e de todo o «SIMPÓSIO DE ARGEL», em:

La Culture Africaine, Le Symposium d'Alger, 21 Juillet-1er Aout 1969 (Argel, Ed. S.N.E.D., 1969).

Para ilustrar a afirmação: «O Primeiro Festival Cultural Panafricano de Argel constituiu as «Exéquias Gerais» do Movimento da Negritude»... bastará consultar algumas das passagens mais expressivas dos «discursos», «mensagens», «comunicações», etc. de participantes como: A.Sékou Touré (o.c., pp.36-37), Delegação da República do Congo-Brazzaville (ib., pp.76-79) Delegação da República de Daomé (ib., pp.83-88), Delegação da República da Guiné (ib., pp.94-104), Delegação da República Democrática do Sudão (ib., pp.152-155), René Depestre (ib., pp.250-254), J.Ki-Zerbo (ib., pp.341-345)...

(Cf. o.c. «La Culture Africaine...», Index Analytique, «Negritude»).

⁵⁹ Cf. «Conclusões» dos «Primeiros Colóquios para a Refontalização-Atualização do Cristianismo em Angola» (Lobito, Julho 1966): «...4) É evidente que o Mundo Angolano não se identifica ao Mundo Negro e deve ser aquele o campo total da Acção Cristã; mas é também evidente que o Mundo Negro é um dos elementos essenciais e fundamentais do Mundo Angolano, que, sem ele, nunca poderá realizar uma síntese válida de plenitude humana e cultural, no respeito, no serviço e no diálogo inter-subjectividades, em ordem à civilização africana e planetária.

Cf. texto integral em:

Santos Neves A. F., Quo Vadis, Angola? Sobre a Presença do Cristianismo na Angola deste Tempo (Ed. Colóquios Angola, 1974); Para um Ecumenismo Omnitotidimensional em Angola (Id., ib, 1975).

to; a sua decadência, iniciada muito antes dos descobrimentos, por influências asiáticas, romanas e islâmicas e acelerada no contacto com os europeus; a impropriedade do termo «bárbaro», aplicado aos pretos de África; a falsidade do feiticismo como equivalente da idolatria; a arte revelada por milhares de estatuetas e pelos mais variados ornatos e, sobretudo, pela poesia dos contos transmitidos pela tradição oral, reveladora de um grande desenvolvimento intelectual e de uma concepção de vida, dignos da maior admiração?

Creio, mais com intuição baseada em muitos anos de contacto com os índios, chineses e africanos, e resultante de leituras dispersas, do que com estudo sistematizado, que há um grande fundo de verdade em tudo isto. Mas se assim é, quão grandes se levantam perante nós, europeus, a reparação e a restituição que devemos aos africanos...»⁶⁰

E, no entanto, uma grande especialista do «Movimento da Negritude», Lilyan Kesteloot, pôde escrever:

«...As colónias portuguesas não estão em atraso no que se refere ao despertar cultural que caracteriza a África moderna. Este despertar cultural, já antigo com as revistas «Claridade» (1936) e «Certeza» (1947) em Cabo Verde, com poetas como Francisco Tenreiro (1942), é um movimento análogo ao «Renascimento Negro» americano e chamava-se, em 1945, «Vamos Descobrir Angola». Não era mais que a tomada de consciência da sua Negritude nos intelectuais Afro-Portugueses. Esta corrente, já antes das independências africanas, tinha atingido o rio de «Présence Africaine», que revelou ao mundo romancistas mestiços como Castro Soromenho e poetas militantes como Mário de Andrade...»⁶¹

E como não recordar a pequena mas «histórica antologia» que constitui o «PRIMEIRO CADERNO DE POESIA NEGRA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA» (Lisboa, 1953), organizada por Mário de Andrade e Francisco Tenreiro, em cujo «Limiar» apelava o primeiro dos seus autores: «... Este caderno é, em última análise, a expressão duma ansiedade; possam todos compreendê-la e amá-la. Não se destina, pois, aos que em matéria de poesia apenas sabem esquadriñar os exercícios formais ou àqueles que, para iludir os seus preconceitos e o seu racismo, nos acusam de racismo. Destina-se, fundamentalmente, aos que sabem encontrar-se reflectidos nesta poesia, e aos que, compreendendo a hora presente de formação dum novo humanismo à escala universal, entendem que os Negros exercitam também os seus timbres particulares para cantar na grande sinfonia humana»⁶². A publicação de «Antologias»

assinalará, aliás, outros tantos marcos na história do «Movimento da Negritude» nas ex-colónias portuguesas, nomeadamente:

Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa, de Mário de Andrade (Paris, 1958);

Poetas e Contistas Africanos de Expressão Portuguesa, de João Alves das Neves (São Paulo, 1963);

Nova Suma de Poesia do Mundo Negro, de «Présence Africaine», número especial (Paris, 1966)

Antologia Temática da Poesia Africana, de Mário de Andrade (Lisboa, 1975...), I: A Noite Grávida Punhais, II: O Canto Armado;

No Reino de Caliban: Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa, organização, selecção, prefácio e notas de Manuel Ferreira (3 vls, Lisboa, 1975...).

«Marco histórico» do «Movimento da Negritude» nas ex-colónias portuguesas constituiu também o aparecimento (Lisboa, Julho 1975...) da revista «ÁFRICA, Literatura, Arte e Cultura», da iniciativa e sob a direcção do já citado Manuel Ferreira, que escreve, na «Apresentação» do número I (pp. 2-4):

«...Interessa-nos a África livre, independente, para com ela tecermos o jogo solidário de dinâmico entendimento. E perseguirmos aqui desta banda, em tudo quanto pudermos, em tudo quanto soubermos, a «lavra e oficina» que, na curva de muitos anos, um século diríamos, os escritores mais lúcidos e mais corajosos da África foram tecendo, por seu esforço e inteligência, para a destruição dos liames colonialistas. Até que alcançaram todos eles e cada um a sua própria identidade e libertação. E homenageando este esforço longo, dorido, gostaríamos de fixar aqui, na abertura das primeiras páginas de «ÁFRICA», o nome de algumas revistas. Aquelas que, por uma ou por outra razão, foram das que desempenharam, na caminhada triunfante, um papel de consciencialização libertadora. «CLARIDADE», «CERTEZA», para Cabo Verde, «MENSAGEM», «CULTURA», para Angola, «MSAMO», para Moçambique, «MENSAGEM», da «Casa dos Estudantes do Império» (Lisboa), para toda a África de expressão portuguesa. E ainda «PRÉSENCE AFRICAINE», que desde 1947, vem empunhando o facho na defesa do seu ideário anticolonialista. Gostaríamos, um dia, de ser reconhecidos como seus legítimos, embora modestos, herdeiros, tornarmo-nos, assim, uma espécie de ponte, um elo de ligação entre nós, portugueses, e os novos países africanos...»

Mesmo que seja legítimo pensar que uma tal empresa chega decididamente demasiado tarde...

E, sobretudo, não datam já de 1911 os textos-manifestos-programas do «PARTIDO AFRICANO» e do jornal «O NEGRO», produzidos na

⁶⁰ Norton de Mattos, Memórias e Trabalhos da Minha Vida, II vol., 2 ed., Lisboa, 1944, pp. 53-56.

⁶¹ Lilyan Kesteloot, o.c. «Anthologie Nègre-Africaine...», pp. 399-400.

⁶² Francisco Tenreiro e Mário de Andrade, PRIMEIRO CADERNO DE POESIA NEGRA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA (Lisboa, 1953), com os seguintes poetas e poemas (além do «Limiar», de Mário de Andrade, e da «Nota Final» de Francisco Tenreiro):

Nicolau Guillén, Som Número 6

Alda do Espírito Santo, Lá no Água Grande

Agostinho Neto, Aspiração

, Criar

António Jacinto, Monagamba

Francisco José Tenreiro, Coração em África

Noémia de Sousa, Magaça

, Deixa passar o meu Povo

Viriato da Cruz, Mamã Negra.

efêmera primavera anunciada pela jovem República Portuguesa, que alguém não hesitou em classificar de «Pré-história da Negritude»⁶³ e que, pela sua relevância histórico-teórica (do triplice ponto de vista «cultural», «político» e «revolucionário»...) e até para obviar ao esquecimento e ignorância de que são alvo, a seguir reproduzo, na íntegra, não obstante o seu estilo cronológica e culturalmente situado⁶⁴:

EDITORIAL DO Nº 1 DO JORNAL «O NEGRO»
(Lisboa, 9 de Março de 1911)

Reflectamos...

A nossa escravidão é secular e em virtude dela temos sofrido todos os vexames e tiranias e em virtude dela temos sido o alvo onde a inveja, o crime e o insulto têm crivado impunemente as suas setas venenosas.

Como o resignado mártir do Calvário, que rezou pelos seus verdugos e perdoou aos seus carrascos, os nossos avós e os nossos pais têm bendito e pago aos seus magistrados, aos seus exploradores, aos seus parasitas e tiranos.

Têm pago governo, justiça, renda, contribuição e soldado. Têm pago por tudo: para comprar e vender, para beber e comer, para respirar o ar e gozar a luz do sol, e até para nascer e morrer.

Cremos ter chegado para todos nós, velhos ou crianças, adultos ou novos, o momento azado para reflectirmos: não queremos continuar a ser enganados, porque estamos fartos de pagar, estamos fartos de tutores, de Salvadores e Senhores, e tudo o que aspiramos é aprender a orientar as nossas ideias e a libertar-nos de todas as formas de tirania e exploração com que nos têm escravizado, esmagando em nós todas as energias e inteligências e todas as manifestações de vida social.

A nossa orientação...

É simplesmente irrisório o argumento de alguns filantropos de que, para o levantamento moral, político e económico das populações negras, indígenas de África, bastariam, como preconiza Lucien Hubert no seu folhetim «Le Devoir de l'Europe en Afrique», um sistema completo de garantias jurídicas, servido por austeras instituições e especialmente a do trabalho livre e a sua remuneração, e alguns elementos de instrução.

E achamos simplesmente irrisório o argumento de tais filantropos, porque, a nosso ver, admitida a hipótese de que são sinceras as suas intenções, nem as normas de direito podem modificar o estado social dum povo, nem a instrução, por si só, pode levantar o nível moral e intelectual duma raça. O direito tem sido o arbítrio dos factos e, tendo irrompido da consciência selectiva das categorias sociais dominantes, é um produto da idiosincrasia social, modificando-se conforme esta se vai modificando, harmonicamente com as condições da estrutura económica. E, assim, nunca poderá ser um factor modificador o que é apenas um resultado.

O factor instrução, por si só, também não poderá realizar o desideratum de tais filantropos, porque é insuficiente para minorar a essas populações a escravidão política e económica de que têm sido vítimas há mais de cinco séculos.

Por maiores que sejam as mentirosas liberdades juridico-políticas de que possam gozar e os progressos da sua educação, como sucede aos Negros da América do Norte e aos povos das nações alcinçadas de cultas, a sua quase totalidade despojada das suas terras, por uma minoria que domina em todas as partes do mundo e que quer dominar na África, servindo-se dos mesmos processos de escravidão, não poderá jamais considerar-se emancipada e livre, enquanto tiver necessidade, para viver, de se vender aos seus carrascos e opressores.

Também será eternamente uma utopia, quanto à solução da magna luta social, o pretender-se resolvê-la instaurando um equitativo modus vivendi entre o capital e o trabalho.

A universalização da instrução é uma utopia sem a universalização da propriedade, e portanto nunca, pela instrução, se conseguirá a emancipação integral dum povo ou de uma raça, qualquer que seja o presumido valor potencial das suas faculdades mentais.

A acção desta é eficaz sob o ponto de vista revolucionário, porque os povos como os indivíduos, quanto mais instruídos mais conscientes são da sua situação de escravos e de explorados, e portanto mais prontos a rebelarem-se contra as opressões de que são vítimas e mártires.

Mas quanto à esperança de ser possível emancipar-se um povo difundindo nele apenas alguns elementos de «instrução avariada» e promulgando contra os seus usos e costumes e instituições político-sociais características, um sistema de garantias jurídicas que lhe seriam impostas pela força, não nutrimos dúvidas a respeito da sua inanidade.

Para modificar e engrandecer as ideias do homem é preciso, antes de tudo, modificar e engrandecer as condições de toda a natureza do meio sociológico em que ele vive, e, para a modificação eficaz deste, é necessário modificar as condições materiais da sua existência. É que as ideias são a representação cerebral do ambiente cósmico e social que o cerca.

⁶³ Maria Helena V. Neves M. Gil, Les Mouvements Messianiques en Angola (Paris, École Pratique des Hautes Études, 1972), Annexe II: Pré-histoire de la Négritude.

⁶⁴ «O NEGRO, ORGÃO DOS ESTUDANTES NEGROS» (Lisboa, 1911) publicou três números e não apenas um, como se continua a pensar ou a ignorar (cf. Biblioteca Nacional de Lisboa, col. 8)... Inserindo-se embora, mais imediatamente, nas vias do «Panaficanismo» inspirado por Marcus Garvey e também, ainda que em menor grau, da Revolução Social(ista)», esses textos não deixam, pelo facto mesmo, de «pré-anunciar» a «Via Cultural do Movimento da Negritude», que, se for e para ser autêntica, não poderá não inserir-se na «Via Política» e na «Via Revolucionária» antes referidas...

A única transformação a conseguir é a transformação do modo da posse da propriedade pela expropriação dos que a conquistaram e gozam, em detrimento dos seus legítimos donos, qualquer que seja o ponto de vista sob que é encarado moral, político ou económico.

Queremos a África propriedade social dos Africanos e não retalhada em proveito das nações que a conquistaram e dos indivíduos que a colonizam roubando e escravizando os seus indígenas.

E, para realizarmos o nosso ideal, é necessário que a camada mais instruída e ilustrada da raça negra enverede todos os seus esforços a fim de constituir com os menos cultos um forte PARTIDO AFRICANO que, pouco a pouco, lutando e vencendo, consiga fazer triunfar as reivindicações da sua raça escravizada.

É legítima a nossa forma de ver, porque é um facto a luta das raças, como é um facto em cada raça, e principalmente nas civilizadas, a luta das classes, de povos contra povos e de nacionalidades contra nacionalidades.

Não há ainda povos que se crêem aristocráticos e povos alcu-nhados de plebeus? Não há ainda raças que se crêem eleitas para reinar e dominar, e não há raças malditas para as quais todo o esforço tendente a fazê-las progredir equivale desafiar a «Vontade Suprema», como disse catedraticamente Carlos Carrol no seu «interessante» livro «Le Nègre est une Bête»?

Em nome da aristocracia de sangue austríaco, a Áustria não continua a perseguir os judeus com ferocidade e rancor? Os russos ainda há pouco não nos tornaram a falar do perigo amarelo? E não continuam a exterminar os polacos, esse punhado de heróis cuja vida de sacrifícios e herocidades enche de assombro o universo? Os turcos não continuam a perseguir e trucidar os arménios? A Europa na África e os americanos na América não continuam a linchar os negros, confiantes na impunidade e na inferioridade mental e morfológica, fatal e irremediável, dessa raça em cuja frente da cor da noite eles conseguiram ler a maldição das sentenças inexoráveis? Que significam o panlatinismo, o pangermanismo, o panamericanismo e todas as concentrações étnicas que ávidamente buscam, em detrimento de todas as outras, a supremacia baseada na mentira da unidade de sangue? É que cada ramo de sangue crê-se de família privilegiada e aristocrática, e a «alma mater» de tudo quanto é belo e grande no mundo – a arte, a ciência e a filosofia. Pois bem, é necessário vencer todos esses erros e prejuízos. Pois bem, é forçoso que cada raça trabalhe para emancipar-se, vencendo todos os obstáculos da realidade presente, porque a emancipação de cada raça só pode e deve ser o resultado dos seus próprios esforços.

Expressámos com lealdade, mas também com audácia, nas suas linhas gerais as nossas convicções.

Não nos moveram nem ódios, nem ressentimentos, absolutamente incompatíveis com a nossa mocidade e sobretudo com a nossa compreensão da solidariedade.

Embora pertencentes à raça por excelência escravizada, ao iniciarmos a sua publicação, sentimos nós o dever de saudar todas as raças do mundo, porque todas são irmãs, todas descendem da animalidade e ascendem à vasta fraternidade universal.

É que, para nós, a paz entre os povos e a vasta solidariedade humana, este sonho bom duma manhã distante, não poderão jamais triunfar sem se apoiarem na convicção geral e universal da unidade orgânica e mental de todos os povos e na realização e efectivação de bem estar para todos.

E tu, oh! Raça Negra, desperta do teu sono secular, durante o qual te infligiram tantos vexames e te cobriram de tantos insultos, e trabalha, trabalha sempre no impalpável, luminoso éter da esperança imortal para vencer os obstáculos da realidade, até moldá-la à fórmula mais conveniente ao triunfo integral de todos os direitos dos indivíduos, à reconstituição orgânica de todas as agremiações humanas e à confederação de todas as raças.

Benditas serão todas as torrentes de lágrimas, todas as bagas de suor e todas as gotas de sangue que verteres para a efectivação desse ideal que há-de trazer um novo e mais fulgido lampejo à consciência humana. Perdoa a todos os povos os insultos de que foste vítima e as tiranias de que foste mártir, para que eles te perdoem a lentidão da tua evolução progressiva para a perfeição.

EDITORIAL DO Nº 2 DO JORNAL «O NEGRO»
(Lisboa, 21 de Maio de 1911)

A liberdade é o alfa e o omega dos tempos modernos.
Nada de grilhões, ainda mesmo que eles sejam de ouro.

Fartai, Vilanagem!

É impossível negar a existência, para os filhos de África, de uma questão social, baseada no facto secular da sua violenta exclusão da posse e usufruto dos bens da terra que lhes foi berço. E este facto é, por si só, importante ponto.

Assim é. A terra, cujo culto é eterno e que, pelos mil cuidados que exige para produzir, encadeia as gerações que se extinguem às que despontam, passando a estas as faltas e as responsabilidades das precedentes, é consequentemente a primeira fonte da solidariedade e da moral. Há, pois, um direito natural violado e é inutilmente que alguns colonialistas, a soldo dos «beati possidentes», negam a conculcação deste direito. A sua violação é hoje mantida por todos os processos que, pela sua baixeza e pelo carácter ofensivo da nossa dignidade, merecem o nosso mais formal desprezo.

E assim deve ser e será. Em nossa própria casa somos afinal os párias e felizes os que nos expoliam, na administração das nossas pessoas e bens. Nela não temos liberdade, não temos direito, nem garantias.

A legislação que nos rege só atende às conveniências políticas e aos privilégios económicos das nações que nos roubaram a terra natal, em nome da força mais tirânica, posta ao serviço da ambição mais ignominiosa e do latrocínio tornado virtude.

E mais, muito mais. Não nos é dado protestar nem contra os processos da administração que nos impõem, nem contra as imperfeições escandalosas da justiça que julga os nossos actos e regula a nossa conduta, nem contra as extorções criminosas do fisco que nos esmaga.

Foi-nos vedado o exercício das funções públicas superiores e postergados todos os nossos direitos de instrução, de ciência e de vida intelectual. Todos os nossos tentames de industrialismo estão aniquilados. O comércio está esmagado por um regimen tributário criminoso e a agricultura apenas vive à custa de sacrifícios sobre-humanos e de canseiras exaustivas.

Enfim, a África não pertence aos seus dilectos e legítimos filhos.

Mas desengane-se a vilanagem, é já agora irredutível o divórcio entre as nossas esperanças de redenção social e os seus sonhos de maior preponderância económica e política em detrimento da nossa honra e dignidade.

Em cada minuto que passa, em cada segundo que voa, em nosso peito radica-se mais a convicção desse antagonismo redentor, dessa antinomia irredutível, entre os nossos legítimos interesses e as suas famintas ambições, entre o nosso ideal político social que será a consagração da liberdade sem peias e sem atritos a todas as expansões da actividade do individuo, apenas limitada pelas necessidades da coexistência social e os egoísmos, as ganâncias e as usurpações dos que hoje vivem do nosso trabalho e exploram a nossa terra.

Mas este antagonismo redentor realizará maravilhas. Impulsionará a organização do «PARTIDO AFRICANO» que saberá ser conscienciosamente hostil aos seus opressores e tiranos. Em cada província, em cada cidade, em cada vila, em cada aldeia, constituir-se-ão Associações, Grémios, Caixas Económicas, Cooperativas, cujo o ideal supremo será a realização da «Máxima de Monroe» aplicada à África e cuja missão será a de nos ensinar a ser livres e pela liberdade a ser bons; como fortes pela sabedoria, solidários uns com os outros e pela solidariedade iguais ante um só direito – o direito à vida integral.

E assim o «PARTIDO AFRICANO», com o coração a transbordar de afectos nobres e com os olhos extasiados na contemplação dos esplendores que entrevê, dirigir-se-á para o paraíso, onde cada individuo poderá viver na paz do coração e na tranquilidade da própria consciência, na fulgida irradiação da justiça e da verdade, abençoado pela carícia dos sonhos bons e das aspirações para o ideal, com o cérebro fortalecido pela ciência e com o coração cheio de amor da humanidade.

Ah! Sabemos bem. Este movimento de protesto de organização do «PARTIDO AFRICANO» encontrará inimigos irredutíveis, adversários

coléricos. Levantará tempestades ruidosas, ateará labaredas lampejantes de incêndios. Rugirão as cóleras imortais e as paixões frementes. Revolver-se-ão os lodos dos ódios insaciáveis e das ambições desregradas. Os Estados modernos, as nações que na África usam de todos os desmandos, abusando de todos os direitos, serão porventura os seus rancorosos adversários e quando não possam vencer pela força, trapaçarão, transigindo para melhor esmagar. Mas...

Preparemo-nos para a luta com muita decisão e audácia e gritemos bem alto para que o Futuro nos ouça: a nossa atitude nada tem de terrível quanto ao seu objectivo, nem nada tem de sinistro quanto aos seus propósitos, é apenas a atitude dos que muito amam a liberdade própria e a desejam. A nossa bandeira é a bandeira branca da paz humana. Que ninguém atente contra ela! Que ninguém ouse embargar-nos o passo! Seria em vão. Quem poderá deter o raio refulgente que serpeia pela nuvens?

EDITORIAL DO Nº 3 (E ÚLTIMO) DO JORNAL «O NEGRO»

(Lisboa, 23 de Outubro de 1911)

O nosso pensamento é de amor e de justiça.

Já mais de cinco meses passaram sobre as nossas primeiras declarações, sinceras todas elas e todas elas impregnadas dos princípios supremos da civilização moderna, da revolução e da liberdade, alentadas pelo ardor da nossa mocidade, enaltecida pela pureza das nossas intenções de justiça e de solidariedade para todos. Apesar disso, o nosso aparecimento e as nossas modestas palavras deram lugar a insinuações, a impropérios, a insultos, não só por parte dos que nos não compreenderam os pensamentos por incapacidade mental, senão também por parte dos que se obstinam em nos condenar inexoravelmente, deslealmente. Os primeiros quiseram combater-nos com ironia, que tanto contrastou sempre com a sinceridade com que lhes falámos, por amor de nós mesmos e sobretudo por amor das nossas convicções; os últimos foram mais infortunados e repelentes, porque desceram à calúnia, à infâmia e ao insulto; por isso são dignos do nosso desprezo, por esmola.

Todavia, não foi um pensamento de rancor, de ódio e de vingança, que presidiu à nossa iniciação no jornalismo; foi e manter-se-á eternamente um pensamento de amor e de justiça. Entramos para essa arena das lutas inexoráveis do pensamento com um ramo de oliveira nas mãos impolutas.

Mas, porquê? Que motivos, que razões supremas nos atraíram? Que problemas temerosos nos coagiram a erguer a voz ardente no meio destas lutas fratricidas?

Ah! Foram os infortúnios e as desditas da nossa raça que nos compungem dolorosamente os corações juvenis; foram a miséria

social e universal, a tragédia política, e a ignomínia religiosa em que o presente se extenua e se entibia; foram os problemas temerosos cujas soluções difíceis ou sombrias entenebrece o futuro de todos os povos.

Pois quê? Em face da cruzada dos povos em marcha inconsciente para um horizonte desconhecido; em face dos enigmas fatais que os acontecimentos, precipitando-se, apresentam a todos os que amam e pensam, o que seria necessário intentar? Era invocar o direito, era conjurar as procelas do futuro, por meio da tolerância e da justiça de hoje, implantadas nas relações de convivência social de todos os povos.

Pois quê? O presente deve ser a imagem fiel do passado que foi de ignomínia e de opressão e tudo poderia continuar como dantes?

Podia continuar a persistir esta triste ordem de coisas: povos que se crêem aristocráticos e povos alcunhados de plebeus? A Áustria reaccionária a crer, por inépcia incompreensível, na aristocracia do seu sangue a perseguir por esse motivo os judeus, bem mais activos e progressivos do que ela? Os turcos a exterminar os arménios, os russos a assassinar os polacos e a Europa com a América a trucidar... ou a escravizar os negros, confiados na inferioridade mental e morfológica, fatal e irremediável das suas vítimas.

Todos sabem que a história da acção europeia na África, como por exemplo recente, a acção da Itália na Tripolitânia, é uma larga história de luto e de sangue. Os crimes, as matanças, as guerras e as traições, as torturas, os incêndios, tudo isso aí se tem justificado com os interesses da civilização que é a máscara de ferro com que os estados colonizadores afivelam a face hedionda dos seus interesses mesquinhos.

Pois quê? E os assalariados, os humildes — ah! «les pauvres sont les Nègres de l'Europe» — os famintos de todos os povos e de todas as raças, o povo que nada possui, senão o trabalho e a canseira, há-de definitivamente afundar-se no mar de lama da mais terrível degradação económica, política e moral, enquanto uma minoria de ociosos, um verdadeiro bando de aves de rapina se locupletam com os produtos das suas canseiras e do seu contínuo mourejar, baptizados com as torrentes sanguinosas das próprias lágrimas?

Ah! Este estado de coisas não é justificação mais eloquente dos nossos princípios da revolução e da liberdade, das nossas aspirações de triunfo e de emancipação integral para nós e para todos?

«Ce n'est point à conquérir le pain même avec le vin et le sel que se borne notre ambition. Il faut conquérir aussi tout ce qui est nécessaire ou même simplement utile au confort de la vie, il faut que nous puissions assurer à tous la pleine satisfaction des besoins et des joissances».

São adversários deslealmente implacáveis, os nossos adversários...

Pois bem. Podem continuar a malsinar e a deprimir as nossas intenções e as nossas esperanças e também os nossos pensamentos e

as nossas convicções, que nós continuaremos a apelar para a ressurreição moral, para a reabilitação dos costumes, para a consagração da consciência humana universal, pelo direito, pela justiça e pela liberdade para todos os indivíduos ou povos, sem distinção de raças ou de nacionalidades...

E até lá... Seja a nossa emancipação integral o nosso ideal eternamente querido, por muito longínqua que pareça a sua realização efectiva.

Não nos deixemos embair pelas promessas vãs dos que se arrogavam o direito de nos escravizar, impondo-nos a sua protecção e tutela liberticida. Que também nos façam esquecer o nosso fim as reformas políticas e económicas com que pretendem engodar-nos, simulando conceder-nos liberdades e respeitar os nossos direitos violados.

Reneguemos o hábito de identificar o bem imediato que dia a dia conquistarmos com o bem definitivo que ansiamos com frenesi, confundindo os triunfos efêmeros de momento com a nossa suprema esperança no futuro. Por mais remoto que seja o fim e ainda que muitos obstáculos nos impeçam de o conseguir imediatamente e nos desviem do caminho mais curto, não o esqueçamos jamais e confiemos sempre e só no nosso próprio esforço para o realizarmos.

E daqui até lá exijamos em nome da justiça que a África, o nosso berço e o sarcófago imortal que abriga as ossamentas dos nossos pais não seja partilha exclusiva de estranhos que a empolgaram e a retalharam.

«Viva a liberdade»

Quanto à cronologia de aparecimento do «Movimento da Negritude» no antigo espaço colonial português, nada nos impede de continuar a aceitar o veredicto do grande teórico da questão que foi o intelectual Angolano Mário Pinto de Andrade:

«... Quem pela primeira vez exprimiu a «Negritude» em língua portuguesa foi, sem sombra de dúvida, FRANCISCO JOSÉ TENREIRO, no seu livro «ILHA DO NOME SANTO»⁶⁵, datado de 1942; devemos assinalar que ele encontrou por si, individualmente, as formas mais autênticas da expressão subjectiva e objectiva da «Negritude»; a «Ilha do Nome Santo» aparece, assim, como um feliz encontro dos temas da sua terra de origem (S. Tomé) e ainda como exaltação do Homem Negro de todo o mundo...»⁶⁶

Embora também se possa pensar que as duas citadas «ANTOLOGIAS» de 1953 (Lisboa) e de 1958 (Paris), com os dois tão elaborados ensaios do mesmo Mário Pinto de Andrade que as prefaciam, consti-

⁶⁵ Francisco José Tenreiro, *Ilha do Nome Santo* (Coimbra, Novo Cancioneiro, 1942).

⁶⁶ Mário Pinto de Andrade, in: *Primeiro Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (Lisboa, 1953), «Limiar», p. 2.

tuem, de facto, a histórica grande entrada em cena das ex-colónias portuguesas no «Movimento da Negritude»⁶⁷.

Mas, para além de quaisquer cronologias e factualidades⁶⁸, gostaria de chamar a atenção para um triplo «fio condutor» que nos permitirá situar e julgar devidamente o passado e (porque não?) o futuro do «Movimento da Negritude» no ex-espaço colonial português e que designarei pelas noções de «Realidade Negritudinista», de «Especificidade Luso-tropicalista» e de «Tipicidade Revolucionária»:

1) Tudo o que antes referimos parece sobejamente demonstrar que a muitas vezes afirmada ou pressuposta «Não-Realidade» do «Movimento da Negritude» nas ex-colónias portuguesas seria mais da ordem das aparências e relevaria quer do desconhecimento e ignorância, quer de uma leitura «oficial» e «colonial» da história⁶⁹.

⁶⁷ Cf. opera citata:

Primeiro Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa (Lisboa, 1953), com o prefácio «LIMIAR», de Mário Pinto de Andrade, e a «NOTA FINAL», de Francisco José Tenreiro, e incluindo os seguintes poetas: Nicolau Guillén (Cuba); Alda do Espírito Santo (S.Tomé); Agostinho Neto, António Jacinto, Viriato da Cruz (Angola); Noémia de Sousa (Moçambique); Francisco José Tenreiro (S.Tomé).

Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa (Paris, 1958), com o prefácio «CULTURA NEGRO-AFRICANA E ASSIMILAÇÃO», de Mário Pinto de Andrade, e os seguintes poetas: Aguiñaldo Fonseca, Gabriel Mariano, Jorge Barbosa, Osvaldo Alcântara, Ovídio Martins, Pedro Corsino Azevedo (Cabo Verde); Terêncio Casimiro Anahory (Guiné); Alda do Espírito Santo, Costa Alegre, Francisco José Tenreiro (S.Tomé); Agostinho Neto, António Jacinto, Geraldo Bessa Victor, Mário de Andrade, Mário António, Viriato da Cruz (Angola); José Craveirinha, Kalungano, Noémia de Sousa, Rui Noronha (Moçambique); Solano Trindade (Brasil).

⁶⁸ Cf., p.e., Tomás Ribas, A Negritude na Literatura de Língua Portuguesa (em: A Capital, Lisboa, 27 de Janeiro de 1975):

«Num artigo — «Repensando a Negritude» — há poucas semanas publicado neste jornal chamei a atenção para o facto de só agora, derrubados os condicionalismos e as limitações que o antigo regime nos impunha e iniciado o processo de independência das antigas colónias portuguesas, nos ser possível encarar e discutir publicamente numerosos problemas e assuntos de ordem cultural relacionados com a África e com o chamado mundo de língua portuguesa. A Negritude é, precisamente, um desses problemas e assuntos...

Conquanto se considere — e, de certo modo, com alguma justiça — que o primeiro eco da Negritude em Portugal é o livro de poemas «Ilha do Nome Santo», de Francisco José Tenreiro, publicado em 1942, e incluído na «Coleção Novo Cancioneiro», de Coimbra Editora, a verdade é que anteriormente a 1942 surgiram em língua portuguesa obras que podem ser facilmente incluídas na corrente mundial da Negritude...

É com objectivos culturais, históricos, literários, artísticos e sociológicos, e, também, políticos (todo um panorama em que a Negritude se insere) que dois Angolanos — Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade — e um Guineense de ascendência Cabo-Verdiana — Amílcar Cabral — fundam em Lisboa em 1948, com outros estudantes ultramarinos, o «Centro de Estudos Africanos»..., onde, como Agostinho Neto, na «Associação Portuguesa de Escritores», nos recordou, «verdadeiramente se iniciou o grande movimento para a independência das colónias portuguesas de África»...

Desde 1995, o texto fundamental (mesmo se algo demasiado académico, na forma) sobre a questão é a tese de Pires Laranjeira, A Negritude Africana de Língua Portuguesa (Porto, Edições Afrontamento) designadamente pp.93-170: «A Formação da Negritude Africana de Língua Portuguesa: História e Teoria».

⁶⁹ Vid., complementarmente, a observação de Alfredo Margarido, «Le Colonialisme Portugais et l'Anthropologie», in: Coppans J. Et Alii, Anthropologie et Impérialisme (Paris, 1975, pp.307-344): «...Dès que l'appui des populations n'est pas nécessaire au projet de la colonisation, elles sont transformées en seul réservoir de force de travail. Toute formulation anthropologique devient alors inutile, sinon peu convenable...» (ib., p. 344).

2) Quanto à apregoada «Especificidade Luso-Tropicalista» das ex-colónias portuguesas, parece estar, enfim, a descobrir-se, simultaneamente, a sua accidental pertinência óbvia, já que é evidente que terá existido uma «especificidade» na colonização portuguesa como existiu, aliás, nas colonizações francesa, inglesa, belga, etc.⁷⁰, e a sua essencial e não menos óbvia impertinência, já que uma tal explicação psicossociológica nada poderia contra a comum realidade fundamental de qualquer colonialismo nas suas comuns, ainda que maximamente diversificadas, realidades de genocídio cultural, de dominação política e de exploração económica⁷¹.

3) Por razões sociais e políticas que relevavam da sobrevivência de um «arquo-ultra-colonialismo» e que provocaram o surgimento de «Movimentos de Libertação Revolucionários» e de Sociedades com algo mais que a independência formal, as ex-colónias portuguesas teriam podido tornar-se (embora não infalivelmente nem irreversivelmente nem, segundo parece, factualmente!) «casos típicos e pioneiros» de uma «Negritude» situada num processo concreto de Revolução Global.

Como exemplo de uma leitura «Não-oficial» e «Não-colonial» da história angolana, cf. a monumental obra («Trata-se, e de longe! da melhor história existente sobre Angola», segundo o mesmo A.Margarido, in: Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa, Lisboa, Ed. A Regra do Jogo, 1980, p.156) de PELISSIER R., Les Guerres Grises, Résistances et Révoltes en Angola, 1845-1941 (Montamets, Orgeval, 1978); La Colonie du Minotaure, Nationalismes et Révoltes en Angola, 1926-1961 (id.,ib.).

⁷⁰ Assim se falou de «domínio indirecto» («indirect rule») para a colonização inglesa, de «assimilação» para a colonização francesa, de «paternalismo» para a colonização belga, etc... Com justeza, aliás, desde que a «diversidade» das árvores não chegue a esconder a «identidade» da floresta e não se chegue a descobrir um «quase bom-colonialismo», um «quase bom-racismo», etc...

⁷¹ Para o significado do «LUSO-TROPICALISMO», nada melhor que recorrer ao próprio inventor do termo, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (passim):

«...Assim se teria iniciado desde o século XV um novo tipo de civilização, para o qual se sugere a caracterização de CIVILIZAÇÃO LUSO-TROPICAL, dado o seu carácter singularmente simbiótico de união do europeu com o trópico — união que em nenhum outro europeu chegou a ser assim intensa e simbiótica em suas constâncias em diferentes áreas tropicais...Ao lado desse novo tipo de civilização, vir-se-ia desenvolvendo um novo tipo de conhecimento ou saber dos trópicos pelo europeu, para o qual se sugere a caracterização de LUSO-TROPICOLOGIA...»

De GILBERTO FREYRE, cf., p.e.:

Casa Grande e Senzala (Rio de Janeiro, 1933);

O Mundo que o Português Criou (ib., 1940);

Aventura e Rotina (ib., 1953);

Etc...

Quanto aos usos e abusos da «ideologia luso-tropicalista» pelo colonialismo português, depois de um primeiro tempo de hesitação e de recusa, cf. o livro «cristalino» de J.Montenegro, A Negritude, dos Mitos às Realidades (Braga, 1967), designadamente o cap. V: «O Caso Português: A Negritude em Face do Luso-Tropicalismo» (pp. 151 ss.); ou, noutro plano, as obras de A.Miranda Santos, p.e.:

Diagonais da Aculturação, Ensaio de Portugalidade», número especial da revista «Portugal em África» (Lisboa, Julho, 1960-61); Mitificação da Cor (Lisboa, 1966).

Para uma revisão crítica do «Luso-Tropicalismo», cf. Manuel R. Laranjeira de Areia, O Luso-Tropicalismo Revisitado, A Miscegenação em «Casa Grande e Senzala», em: Fernando Santos Neves, Org., A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono, Mitedeologias, Realidades e Potencialidades, Edições Universitárias Lusófonas, pp. 55-64; Cláudia Castelo, «O Modo Português de Estar no Mundo»: O Luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961), Porto, Edições Afrontamento, 1998.

• Ensaio histórico...

E não deixarei de fazer uma vez mais referência àquele que constituiu a trave-mestra e agora constitui o símbolo da «Tipicidade Revolucionária» das ex-colónias portuguesas, Amílcar Cabral, cuja «arma da teoria», posta ao serviço da «teoria da arma», superou todo o «folclore e instrumentalidade ideológica» de uma certa «etnologia-sociologia-Negritude...» e todo o «Abstractismo e dogmatismo» de uma certa «Política», de um certo «marxismo» e de uma certa «Revolução»...⁷²

Depois de tudo quanto escrevemos, não correrá o perigo de más interpretações e ajudará a chamar simbolicamente a atenção para a indispensável e já referida implicação «virtuosa» das «Africano-Lógicas», das «Lusitano-Lógicas», e até das «Lusofono-Lógicas» a transcrição de um poema de Senghor, intitulado «ELECIA DAS SAUDADES»⁷³:

«Escuto no fundo de mim com voz de sombra o canto das «saudades».

É a voz antiga, a gota de sangue português que sobe do fundo dos tempos?

Meu nome que retorna à sua nascente?

Gota de sangue ou o tal «Senhor», alcunha dada por um capitão outrora a bravo marinheiro?

Reencontrei o meu sangue, descobri o meu nome no outro ano em Coimbra, sob a selva dos livros.

Mundo selado de caracteres estritos e misteriosos, ó noite das verdes florestas, madrugada das praias inauditas!

Bebi – muros brancos, colinas de oliveiras – um mundo de façanhas, de aventuras, de amores violentos e de ciclones.

Ah! Beber todos os rios: o Níger, o Congo e o Zambeze, o Amazonas e o Ganges.

Beber todos os mares de um único trago negro sem cesura ou mesmo sem acentos.

E todos os sonhos, beber todos os livros os ouros os prodígios de Coimbra.

Recordar-me, tão simplesmente recordar-me...

Um dia em Lagos aberto sobre o mar como o outro Lagos.

Não um rio mas um milhar de rios, não uma laguna mas um milhar de lagunas.

Um único mar nas quatro distâncias.

⁷² Cf. o.c. de Amílcar Cabral, *Unidade e Luta*, textos coligidos por Mário de Andrade, 2 vls. (Lisboa, Ed. Seara Nova, 1975); ou ainda o «Simpósio A.Cabral», efectuado na Praia, Cabo Verde (Janeiro 1983).

⁷³ Tradução portuguesa de David Mourão Ferreira (em: *A Capital*, Lisboa, 27 de Janeiro de 1975), por ocasião da visita a Portugal de L. S. Senghor, em que este proferiu, nomeadamente, uma soleníssima e muito «Luso-tropicalista» oração retórica, que epigrafou «Lusitanité et Africanité» (cf. Texto em: *Jeune Afrique*, nº 41, 21 de Março de 1975, pp. 22-25).

A transcrição deste poema de L.S.Senghor pretende igualmente evocar e continuar a homenagem que, por ocasião da sua morte, lhe foi prestada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em sessão solene em que intervieram oradores tão notáveis e tão plurais como Benjamin Pinto-Bull, Alfredo Margarido e Adelino Torres.

Em vez de paletúvios, uma floresta no dilúvio, sobre o lodo efervescente dos répteis do terceiro dia.

E por entre as aves trombeteiras, os macacos com gritos de címbalos, a germinação dos odores mortais,

E de outros, suaves como oboés.

Reinava o dia terceiro e a vida estava certa.

«Milhões de homens como formigas carnívoras, queimando as pistas do desejo, e mulheres jacentes,

Ébrias de sêmen de espasmos, ébrias de vinho de palma.

Compreendi os signos da tribo.

O Amor: a morte em quanta exultação! A Morte: o renascer do raio.

«Saudades» dos amores antigos, «saudades» das minhas «saudades»

Do vazio imenso e vermelho de Imerina.

Ah! Confunde, tudo confunde, confunde presente e passado...

Morre e volta a nascer conforme quero...Meu amor é milagre.

Era muito longe no tempo e no espaço, e o mar estava pacífico.

Não cantarei façanhas nem reinos conquistados sobre os índios dos dois horizontes.

Quantas aventuras bebidas nas nascentes dos rios sagrados!

Mas não tenho o gosto da magia, somente o Amor me é maravilha.

O meu sangue português perdeu-se no mar da minha Negritude.

Amália Rodrigues, canta oh canta com a voz baixa as «saudades» dos meus amores antigos

Dos rios das florestas das velas dos oceanos das praias de sol

E os golpes vibrados e o sangue vertido por coisas fúteis.

Escuto no fundo de mim com voz de sombra a queixa das «saudades»...

E a minha conclusão para este «Ensaio histórico sobre o Movimento da Negritude» serão as palavras que escrevi no livro «**Negritude – Independência – Revolução, As Colónias Portuguesas e o seu Futuro**»⁷⁴:

...Como harmonizar a «Negritude» e a «Revolução», para que os Africanos, por um lado, não sejam mistificados e, por outro lado, se tornem «produtores» e não apenas «consumidores» de civilizações?

É certamente a falta de teoria (e praxis) científico-revolucionária que não permitiu à generalidade dos «Negritudinistas» situar a «Negritude» (realidade, mas «superestrutural» e, portanto, em última análise, relativa a e dependente de outras realidades «infraestruturais») no conjunto do «bloco histórico» da sociedade africana e mundial... ainda que forçoso seja constatar que muitas interpretações «marxistas» (e não só do tempo cronológico de Estaline) resvalaram num «economicismo», «mecanicismo» e «universalismo» que não deixam nenhum

⁷⁴ Fernando Neves, *Negritude, Independência, Revolução*, Paris, Ed.ETC, 1975, pp. 134 e ss.

lugar para a «subjectividade», a «cultura», a «nacionalidade», a «Negritude» e muitas outras coisas (movimento feminino, minorias étnicas, questão sexual, etc.).

É da superação de todo um marxismo dogmático e truncado e da inserção de todas estas realidades na realidade global da «figura revolucionária» contemporânea que poderá sair uma verdadeira e integral TEORIA CIENTÍFICA DA NEGRITUDE. O que, seja dito concluindo mas insistindo, escassamente tem sido feito, da parte dos pro– como dos anti-Negritudinistas. **E não haverá outra maneira de encontrar, depois dos eventuais primeiros «Sentidos» e dos realíssimos segundos «Des-sentidos», os necessários últimos «Re-sentidos» da Negritude.**

Ensaio histórico...